GUSTAVO BARROSO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

O Bracelete de Safiras

EDITORA AMERICANA

Orthof

GUSTAVO BARROSO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

O Bracelete de Safiras

EDITORA AMERICANA

RUA DOS OURIVES, 95 — RIO

Índice

5 O bracelete de safira
7 O telefone da morte
11 Os símbolos perfeitos
13 O homem de preto
15 O salão dos embaixadores
17 O senador incorruptível
18 Sóror Marta
22 O colar de Suzon
24 Sherlock Tiradentes
26 A filha do morubixaba
29 O mistério da vida
31 O décimo náufrago
33 Mexa de Algodão
36 A lanterna mágica
38 A parte fraca
42 Joaninha da rua do Egito
44 A coroa de defunto
46 A moça de Quieve

Os 45 livros de Gustavo Barroso

Sociologia sertaneja
Terra de sol ● Heróis e bandidos ● Almas de lama e de aço
Contos e novelas regionais
Praias e várzeas ● Mosquita muerta ● Mula-sem-cabeça ● Alma sertaneja ● Maripunga ● Tição do Inferno
Contos e novelas
A ronda dos séculos ● Pergaminhos ● Antes do bolchevismo ● En el tiempo de los zares ● Livro dos milagres ● o bracelete de safira
História
Tradições militares ● Uniformes do exército ● catálogo geral do museu histórico ● o Brasil face ao Prata
Ensaio
A balata ● Idéias e palavras ● Coração da Europa ● Inteligência das coisas ● Discurso de recepção ● A ortografia oficial ● Aquém da Atlântida
Folclore
Ao som da viola ● Casa de maribondo ● O sertão e o mundo ● Através dos folclores - Mythes, contes et légendes des indiens ● As colunas do templo
Tradução
Tratado de paz - Fausto - Comédias e provérbios
Viagem
O ramo de oliveira
Literatura didática
Lições de moral ● Vocabulário das crianças
Literatura infantil
O anel das maravilhas ● Apólogos orientais
Literatura histórica
A guerra de López ● a guerra de Flores ● A guerra de Rosas ● A guerra de Vidéu ● A guerra de Artigas

O bracelete de safira

Senhora Matias Campos entrou apressadamente na elegante joalheria Max Rasendyl, na avenida. Ficou parado à porta seu landaulet Packard, com o chofer de luvas cinzentas e um boneco desengonçado que servia de talismã, desafiando a curiosidade dos basbaques.

Senhora Matias Campos se vestia com discreto luxo e fino gosto, tinha trinta e cinco anos, muito espírito, muita leitura, muita graça, muita beleza e muita virtude. Só havia, no Rio de Janeiro, uma mulher igual: A viúva Freitas Borges, dona Lalá, sua mais íntima amiga.

Senhora Matias Campos encheu de perfume a joalheria faiscante. Houve mesmo dois ou três conquistadores de rua que se detiveram à porta algum instante, atraídos pelo cheiro e seduzidos pelo vulto esbelto e bem trajado.

Solícito, o próprio dono da casa atendeu a encantadora freguesa que, se sentando numa cadeira e descalçando lentamente as luvas, falou com desembaraço:

— Senhor Max, como sabes, Matias é um homem atarefadíssimo. Tem tantas companhias e sociedades anônimas na cabeça que ali dentro não cabe outra coisa. E eu, pra não ser esquecida de todo, preciso sempre me fazer lembrada.

Fez uma pausa. Rasendyl curvara a ela a cabeça branca, muito distinta, todo atenção, sorridente. Ela prosseguiu, em tom mais baixo:

— Imagines que amanhã faço anos e, como Matias nunca tem tempo, vim escolher o presente que deve me dar. Me mostres qualquer coisa nova e original chegada de Paris.

Max Rasendyl endireitou o laço da gravata azul de pintinha branca e replicou, mais curvado, confidencial:

— Meu ofício, dona Isaura, me recomenda a discrição mas há momento em que posso infringir. Agora, por exemplo… Estás sendo um tanto injusta com doutor Matias, me permitas dizer. Malgrado sua vida ativíssima, posso garantir que não esqueceu a data de amanhã…

Ela ficou de pé, largou as luvas sobre o cristal do balcão. Seus olhos brilharam e exclamou:

— Ó! Senhor Max, que boa surpresa! Contes o que sabes.

— Esteve aqui nesta manhã, minha senhora e escolheu o que eu possuía de mais belo em casa. Me recomendou fazer um estojo condigno e enviasse, na tardinha, ao escritório. Como me diz que amanhã é a data de teu aniversário, vejo que ele se lembrou desse dia feliz.

Max Rasendyl foi até lá dentro e trouxe a jóia. Senhora Matias Campos a olhou, maravilhada. Era um riquíssimo e finíssimo bracelete de safira. Seus olhos se umedeceram de emoção. Balbuciou:

— Não achas, senhor Max, que Matias é muito bonzinho?

— É um coração de ouro, minha senhora. Mas peço que não me comprometas, que não digas que traí o segredo.

— Sem dúvida. Dou minha palavra!

No dia seguinte senhora Matias Campos ofereceu um jantar a suas amigas e amigos mais íntimos. Sonhara a noite inteira com o bracelete de safira. Pensava nele o dia todo. Por que o marido, que a felicitara na manhã, não lhe dera? Á! Decerto esperava a ocasião do jantar, a fim de lhe algemar o braço torneado.

Esperou, ansiosa. O criado anunciou o jantar. Se sentaram à mesa coberta de flor. Eram umas doze pessoas, entre decotes níveos e casacas negras emoldurando peitilhos brancos.

Quando senhora Matias Campos relanceou o olhar nas mãos que levavam à boca as colheradas de creme de aspargo, viu, com assombro, no braço delicioso da viúva Freitas Borges, de sua melhor amiga, Lalá, confidente de seus segredos, sua companheira de todos os dias, o bracelete de safira que lhe mostrara Max Rasendyl.

Baixou a cabeça sob o peso da intensa dor e da formidável decepção, já que esperava, ansiosa e alegre, o presente até aquele momento. Ela, que estremecia ao menor gesto do marido: É agora!… E duas lágrimas grandes e quentes rolaram nas faces e caíram no prato.

Esteve alguns instantes assim. Depois, bruscamente, tomada duma resolução súbita, as faces pálidas e o olhar ardendo em febre, mais bela que nunca na indignação violenta, senhora Matias Campos ficou de pé. Todos os olhos se cravaram nela, com espanto, e disse com voz lenta, segura e forte:

— Acabo de ter irrecusável prova de que outra mulher ocupa meu lugar no coração de meu marido. É doloroso que isso tenha acontecido justamente no dia de meu aniversário mas foi o destino quem tal coisa determinou. Declaro, a todos os presentes, que desisto de qualquer luta. Compreendo que sou demais nesta casa. A abandonarei já. A meus convidados, tenho a honra de apresentar a pessoa que me substituirá na direção deste lar, como já me substituíra no coração de meu marido. Eis: É senhora Freitas Borges. Boa noite!, senhoras e senhores.

E antes que alguém voltasse a si da surpresa, rompesse o silêncio, que se esboçasse um gesto ou se pronunciasse uma palavra, no meio da estupefação geral, deixou a mesa e desapareceu no interior da casa.

Poucos minutos depois um táxi conduzia a formosa senhora Matias Campos de sua luxuosa residência da rua Sorocaba ao hotel Glória. E essa linda mulher carioca morreu freira carmelita, poucos anos depois, num triste convento do norte da Itália.

O telefone da morte

Vês aquele homem triste, todo de preto, que medita diante dum copo de refresco?

Olhei na direção que o amigo com quem tomava sorvete naquele bar da avenida, em hora morta da noite, me apontava. Vi, num canto do vasto salão, sentado de pernas cruzadas, as costas apoiadas na parede, o olhar perdido no ar enfumaçado pelos charutos e cigarros da freguesia, um homem muito pálido, de preto. A face era profundamente triste, duma tristeza remota e doce, resignada e serena, que o tornava simpático, que dava impressão de imenso sofrimento recôndito ao qual neste mundo não houvesse consolo. As mãos esguias e cor de marfim, a cabeça inteiramente branca. Me parecia já ter visto aquelas feições. Perguntei:

— Quem é?

Meu amigo sorriu levemente, tomou algumas colheradas de seu creme de pistácia e respondeu:

— Um louco originalíssimo.

Pensei que, muitas e muitas vezes, a crueldade humana chama loucos os que pensam diferentemente do comum dos mortais, os que são capazes de sacrifício e de corajosa atitude diante dos quais a maioria ignóbil covardemente recuaria, ou os que sofrem mais profundamente do que em geral. Estudei, num demorado olhar, a figura impassível do homem de preto, de tão resignada postura, tão triste, tão só. Tive, não sei por que, grande piedade. E indaguei, de meu amigo, por que o considerava louco. Explicou:

— É o que pensam e dizem todos os que o conhecem daqui. Há uns cinco anos esse indivíduo, cujo nome ninguém sabe, freqüenta a casa. Chega às sete e meia da noite todos os dias, infalivelmente, no inverno ou no verão, quer falte energia elétrica, haja epidemia, ocorra tumulto ou desabe temporal. Fica ali naquele canto, diante da mesma mesa e do mesmo refresco, até a hora de se fecharem as portas. Em sua atitude serena parece se esconder uma espera febril porque cada vez que a campainha do telefone pousado sobre o alto balcão envernizado do caixa ressoa ele estremece todo e segue com os olhos, avidamente, o criado que atende ao aparelho. Há cinco anos esse pobre paranóico, que tem, certamente, as manias do silêncio e da espera, anseia um telefonema imaginário.

— Tudo isso não prova que lhe falte o juízo.

— É boa! O que havia de faltar, então, a um homem de rosto cadavérico, sempre de luto, que entra aqui todas as noites, na mesma hora, não pronuncia palavra, espera que o criado lhe sirva o mesmo refresco que pediu na primeira vez, fica de olhos perdidos na fumaceira do ar, esperando com ânsia, sob a capa de chumbo duma calma forçada, um telefonema misterioso?

Nada respondi. Paguei os sorvetes, me despedi do amigo e saí. A noite estava fria, ameaçando chuva. Uma neblina leve envolvia as lâmpadas elétricas, como em algodão diluído. Sobre o asfalto rodavam, lugubremente, os carros varredores da limpeza pública. Parei pra esperar meu bonde na esquina duma rua, onde ao abrigo duma porta, um vendedor de jornal dormia. Começou a chuviscar. Levantei mais a gola do capote e acendi um charuto. O bonde tardava. Comecei a encher o tempo, pensando no estranho homem de preto que durante cinco anos esperava numa sala vulgar de botequim, silenciosamente, um telefonema. Que mistério se ocultaria à sombra daquela dor recalcada, ou daquele desespero tranqüilo que talvez levianamente os outros homens chamavam loucura?

Chovia mais. O vendedor de jornal acordou, se espreguiçou e caminhou ligeiramente ao longo das paredes. Fiquei sozinho na esquina deserta, cismando. Passou um cão

vadio. Passou um soldado de polícia, encapotado. Depois um vulto de preto se aproximou do poste de parada, perto de mim. Ficou serenamente sob o aguaceiro. O examinei melhor. Mais ainda me pareceu não ser a primeira vez que via aquela fisionomia. Era alguém que eu conhecia mas que estava muito mudado. Notando que o olhava, ele se virou a mim. Me encarou, deu dois passos e, me pondo a mão sobre o ombro, me perguntou:

— João, não me conheces mais?

Com espanto, fitei a misteriosa personagem e retruquei:

— Penso te conhecer, porém não sei donde nem quando.

E acrescentei uma desculpa amarela:

— Sou apresentado a tanta gente.

O homem sorriu, imensamente triste, e falou:

— Sou o Leal de Matos.

O apertei nos braços. Era um ótimo amigo de infância, que eu nunca mais vira desde que trocara a calma existência em minha longínqua cidade natal pelo turbilhão da vida carioca. O foco do bonde que chegava, clareou a rua. Disse eu, olhando a tabuleta de Ipanema:

— É meu bonde.

— Meu também.

Subimos juntos. Éramos os únicos passageiros naquela hora avançada da noite. O motorneiro lançava o carro em disparada, às vezes, através do rude fustigar da chuva . O condutor cochilava no último banco.

— Onde moras?

— Na rua Vinte de Novembro.

— Eu, pertinho, na avenida Vieira Souto.

Conversamos do passado, calando as lembranças desagradáveis e remoendo lentamente as recordações felizes. Apesar de espicaçado por terrível curiosidade, não me atrevia a indagar do velho amigo, encontrado por acaso, por que agia de modo tão bizarro, na noite, naquele bar. Sua palestra nada denotava de loucura. Sentia em si uma tristeza ilimitada, sob que se adivinhava absoluto desinteresse pelas coisas da vida. E por aquela silenciosa espera durante cinco anos, num bar?

— Estás de luto dalgum parente próximo?

— Estou de luto de quem foi, em minha existência obscura, mãe, esposa, irmã e amante ao mesmo tempo. Estou, também, de luto por mim mesmo.

A resposta foi um tanto brusca e seus olhos estranhamente brilharam. Tive certo receio de insistir. Mudei de assunto. Rodamos na curva graciosa de Botafogo e entramos na retorcida rua General Polidoro. O bonde passava no túnel Velho. Na esquina duma rua transversal parou pra deixar subir um fiscal da guarda civil. Leal de Matos, vi bem, mergulhou vista naquela rua em fora e seus olhos, esgazeados de repente, pousaram doloridamente na fachada clara duma casinha que sorria entre arbustos, batida de luz. Mais longe, em frente ao cemitério, quase de pé, passeou os olhos úmidos na silenciosa plantação de cruz.

Além do túnel não chovia mais. Soprava um ventinho frio, perfumado de iodo. E o ritmado sonoro rumor do mar enchia a noite imensa. Quando o bonde defrontou a praia clara de Ipanema, fez soar a campainha. O carro parou. O olhei numa interrogação muda porque ainda não chegáramos ao destino.

— Passeemos um pouco na praia, pra ouvirmos o oceano, sentirmos a noite e pra que eu te conte, como a velho amigo, por que estou de luto.

— Vamos.

E foi diante das ondas, que franjavam a negra noite com a renda buliçosa de sua

espuma que meu amigo de infância me contou esta triste história:

— A conheci num baile e logo, a toda vida, me encantou seu rosto de Madona sob o louro resplendor da cabeleira. Era casada com um brutamonte qualquer, cuja profissão o obrigava a freqüentes ausências, algumas vezes bem prolongadas. Nos amamos reciprocamente como verdadeiros loucos, com uma intensidade de sentimento tão grande que nunca pensei pudesse existir. Nos amamos com aquela paixão do Oriente, que Voltaire comparava ao fogo e ao vitríolo. Ela recusara sempre, por causa duma filhinha, a deixar o marido e fugir comigo a longe, e resolvemos afivelar a máscara da hipocrisia, que é a única salvação da sociedade, mantendo secreta nossa ligação.

Logo que o marido se ausentava, rapidamente me telefonava. Quando o bairro dormia, eu vinha cuidadosamente a sua casa. Eram noites sublimes, de amor intenso, que nos indenizava dos longos dias da separação. Seu corpo divino, de veludo e de rosa, a cada dia tinha mais encanto pra mim. Na madrugada eu saía de sua casinha, furtiva, e saudosamente, levando na boca o perfume e o sabor de seus lábios. Durava um ano nosso amor, cada vez maior, quando tive de ir a Minas, a negócio urgente. Demoraria uma quinzena. Combinamos que lhe telefonaria logo que chegasse. O marido estava fora todo o mês. Após duas semanas de horrível saudade, numa fazenda afastada, onde nem jornal li, na manhã saltei do trem e corri ao telefone, ali mesmo na central. Foi no dia 28 de junho de 1914 e parece que foi ontem, tão viva ainda é minha dor, e parece, ao mesmo tempo, que foi há um século, tão longo foi meu penar! Depois de repetir o número várias vezes, impaciente, a telefonista me disse com a sua voz esganiçada:

— Não responde.

— Não é possível!, minha senhora. — Chamarei outra vez.

Passei o dia telefonando. A resposta era sempre a mesma:

— Não responde.

Na tarde passei na casa dela, de automóvel. Estava inteiramente fechada. Mandei um rápido com um bilhete e ordem de só o entregar à senhora. Voltou dizendo que não havia alguém na casa. Se cansara de bater e de esperar. Fiquei um tanto apreensivo, embora meu primeiro pensamento fosse que tivesse ido passar o dia com uma amiga ou uma parenta. Depois de jantar só e triste, na cidade, entrei naquele bar e pedi ligação a ela:

— Sul, oito, três, meia dúzia, nove.

Sua voz apagada e distante, muito distante, me chegou aos ouvidos. Com o coração pulando de alegria, falei:

— És tu?, Julia.

— Sim, sou eu, querido.

— Cheguei hoje na manhã e passei o dia telefonando, sem resultado. Estiveste fora todo o dia?

A voz era estranha, longínqua, pálida, mas era sua voz, tinha certeza. Insisti:

— Passaste o dia fora?

— Passei, querido, em casa de mamãe.

— Estás só?

— Estou a sempre só.

— A sempre? Como? Houve algo?

— Explicarei tudo depois, mas nada há.

— Mas, se estás só, posso ir nesta noite. Estou morrendo de saudade! Queres?

— Não, querido. Hoje é impossível. Amanhã, sim. Tenhas paciência. Esperes até amanhã. Conversaremos muito e mataremos a saudade. Digas onde estás e eu amanhã, nesta mesma hora, telefonarei a ti, marcando a hora de vires. Qual o número desse aparelho?

Dei o numero do telefone do bar Inglês e nos despedimos. No outro dia, na manhã, lendo jornal, deparei o convite do marido e de toda a família prà missa de sétimo dia pela alma de minha Júlia! Fiquei de cabelo em pé, assombrado, por ter falado com uma morta. Por isso, sua voz era tão apagada e tão remota. Mas essa morta era a criatura que eu mais amara na vida! Eu que nunca tivera afeição de família, carinho de esposa ou cuidado de irmã, que nem conhecera minha mãe, achara naquele amor todo o conforto pra meu coração! E essa mulher tão amada morria assim, sem que eu esperasse, sem eu saber como, durante uma de minhas raras pequenas ausências! Um surdo desespero me invadiu a alma ao pensar que nunca mais a poderia beijar toda, ardentemente, que nunca mais, nunca mais voltaria de madrugada até casa, absorto dentro da felicidade entre o rumor da cidade que acordava, trazendo nos lábios o cheiro e o gosto de sua boca! Caí como um corpo morto sobre a cama e fiquei soluçando baixinho o dia inteiro.

Porém, às sete e meia da noite, estava no bar Inglês, esperando o telefonema prometido. Nada. Há mais dum lustro que a aguardo todas as noites. Até agora nada e nada. Entretanto, estou certo, numa noite a receberei. Não poderia me esquecer, mesmo no outro mundo, por que eu também não a esqueço. O que existe entre nós é uma ligação mais poderosa que a morte e maior que a vida. Ademais, prometera telefonar a mim. Não foi naquele dia, seria noutro. E será, porque nunca faltou a uma promessa! No dia em que receber seu recado estarei pronto a ir ter com ela seja onde for.

Leal de Matos, trêmulo de emoção, porém convicto do que lhe cumpria fazer, terminou a narração sem me pedir conselho nem consolo. Também não ofereci. Viéramos a pé até a porta de minha casa. Nos despedimos com um forte aperto de mão. O dia nasceria. Uma luz difusa, alaranjada, clareava um pouco a zebrada toalha do mar e nos morros distantes havia pinceladas de fogo. Pousou os olhos claros em minha face e disse, com seu sorriso de imensa tristeza:

Em troca da confidência que somente a ti hoje fiz, peço que não penses, *como os outros*, que sou louco.

Respondi com sinceridade:

— Procuro sempre não pensar *como os outros*.

A história de Leal de Matos me impediu de dormir. Na próxima noite, depois de nove horas, passei no bar Inglês, a fim de o ver. Não estava. Disse um dos criados que por volta de oito horas uma voz feminina chamara, ao telefone, senhor Leal Matos. O homem de preto dissera que era ele e fora falar ao aparelho. O ouvira claramente repetir:

— Sim. Irei hoje mesmo!

Pagara a despesa e saíra apressadamente.

Me recolhi impressionado, decidido a ir o procurar no dia seguinte, em casa. Mas o primeiro jornal que abri, ainda na cama, me contou que fora morto por um automóvel ao atravessar, às oito e meia da noite, a praia do Rússel, parecendo que a culpa era toda do chofer.

Os símbolos perfeitos

Era por volta de duas horas da tarde. Fazia sol e calor. Na amplidão muito azul do céu boiavam nuvens alvíssimas.

À porta do admirável edifício do banco da República, pejado de ouro, que fabricava todo o papel-moeda do país e que periodicamente enriquecia seus felizardos diretores, tocava uma banda de música em grande gala e se ajuntara uma grande chusma de moleque.

O que haveria lá dentro?

Entravam pessoas de alta importância no vasto portão guardado por contínuos de librê agaloada. Entravam ajudantes de ordens com alamares faulhantes, deputados de cartola e barrigudos senadores de fraque.

Levado pela curiosidade, um desocupado, homem alto e magro, também penetrou no solene edifício. Subiu a larga escadaria de mármore, acompanhando aqueles figurões de aspecto luxuoso ou respeitável. Os seguiu num corredor largo, onde havia bustos de bronze e bufetes canivetados e tremidos, de jacarandá. Enfim, chegou a um salão de cornijas douradas, onde se reunia toda aquela gente e estava postada outra banda de música em grande gala.

Seu olhar tranqüilo percorreu a assistência burburinhante, examinou aquelas fisionomia, na maioria alvares,[1] e se deteve na parede, onde havia dois retratos cobertos pelas bandeiras nacionais.

Sorriu. Compreendera tudo. Ia assistir uma manifestação com retrato e música. Talvez até tivesse champanha. Lambeu os beiços. Pensava no que gozaria: O ridículo daquele pessoal e o vinho espumoso e doce.

Esperou alguns minutos. Toda gente limpava o rosto com o lenço. A música da porta da rua parara de tocar.

Entrou, enfim, na sala, cercado de velhos gordos e carecas, dos chefes dos vários serviços, o diretor do grande banco. Mesuras de todos os lados. Risos embevecidos em todas as bocas. E mãos, muitas mãos, muitas, estendidas a ele.

Falou com todos, risonho, mas se traía no gesto e no sorriso um fastio que era quase desprezo. Ergueu a mão e pronunciou claramente:

— Meus senhores!

Ia falar: Silêncio absoluto. Se ouvia o zumbir das moscas de encontro às altas vidraças.

O homem alto acotovelou algumas pessoas e conseguiu ficar na primeira fila dos espectadores, diante dos dois retratos cobertos pelas lindas bandeiras estreladas.

O diretor do banco teceu elogio ao antecessor. Tinha todas as virtudes e nunca a nódoa dum defeito lhe enevoara o brilho adamantino da alma. Sua administração naquele estabelecimento de crédito fora assombrosa. Emitira dez milhões de cruzados e enriquecera o comércio. Os benefícios que espalhara nas classes conservadoras eram incontáveis e incomensuráveis.

— Mas a quem se deve a escolha desse gênio criador de novas fórmulas financeiras, que só a moléstia resultante do excesso de trabalho fizera se recolher à vida privada? — Berrou. — A quem?, senhores. Ao benemérito, inconfundível e sagrado senhor ministro, extraordinário financista que o céu já cobriu com o azul puríssimo!

E o diretor se derramou em elogio ao ministro. Depois de meia hora de tropos inflamados a respeito daquelas duas maravilhosas entidades, fez um gesto largo com a

[1] Alvar - adj Alvacento, ingênuo, tolo, grosseiro, palmar. Nota do digitalizador. Extraído de dicionário KingHost.

mão. A banda tocou o hino nacional. Dois contínuos puxaram os cordõezinhos, que retinham as bandeiras, que caíram e os assistentes viram as fisionomias dos homenageados: O ministro lembrava um judeu mefistofélico, o antigo diretor um carneiro triste mas em ambos os traços da esperteza dominavam. As molduras eram ricas e suburbanas, de veludo e ouro. A pintura a óleo era lambida e melada.

Todos os cavalheiros de cartola e de alamares se extasiaram ante a parecença dos retratos, e cumprimentaram o orador pela beleza original do discurso.

Criados de casaca trouxeram, em largas bandejas de prata, taças espumantes de Clicquot.[2]

Então, com a sua copa em punho, o homem alto e magro avançou à parede dos retratos e falou alto:

— Meus senhores!

Toda gente o olhou com espanto. Era, de certo, um chaleira de última hora que diria asneira.

Ergueu a taça e disse com calma:

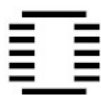
— Meus senhores, gostei muito da festa, da champanha, do discurso e dos dois retratos mas resolvi pedir a palavra pra dizer o que falta numa coisa, a fim de completar a homenagem... Está tudo magnífico, os retratos são esplêndidos. Porém, no meio deles dois, é preciso já e já, senhores, pôr a figura de cristo crucificado... Só assim os símbolos estarão perfeitos...

O diretor do banco fez outro gesto. A música abafou com uma marcha triunfal o som da voz do desconhecido, que alguns contínuos arrastaram até a porta da rua e entregaram a um guarda civil.

Na delegacia de polícia mais próxima se verificou que o pobre homem fugira do asilo de alienado naquela manhã.

---

[2] *Clicquot* - Marca de champanha francesa. Nota do digitalizador.

O homem de preto

O homem de preto remexeu, com a colherinha, a xícara de café, sorriu com os dentes escurecidos pelo cigarro e me disse:

— Achas fútil e desmiolado o povo carioca. Acho fútil e desmiolada a humanidade inteira.

Fiquei o olhando, em silêncio. Eu estava sentado à mesa do café, pensando numa porção de coisa, quando aquele indivíduo solicitou licença e se sentou em minha frente. Relanceei o olhar na sala e vi todas as mesas ocupadas. Compreendi o gesto. Mas ele, mal se sentou, me pediu fósforo e, ao os agradecer, soltou esta frase:

— Conheço muito, o senhor, de vista, lá da Academia.

Santo Deus! Me forçou a algumas respostas e conversou, conversou. Era o que queria. Bastava uma palavra minha pra dela fazer tese Inesgotável. Assim, chegáramos àquele ponto.

— Escutes, continuou, atravessamos um período em que as formidáveis experiências dum andreief ou alexeief (não sei bem o nome do tal sábio russo) sobre a vida interessam muito menos que os murros dum tuney ou dum dempsey.

Fiz que sim com a cabeça. Sorveu dois goles de café e prosseguiu:

— Moças lindas e ricas sacrificam beleza mocidade e fortuna, se recolhendo a um convento pra servir a Deus. Outras, como irmãs de caridade, tratam as pústulas gangrenada dos mendigos. Pois não se fala nisso. Se aludindo ao fato, lamentam as pobrezinhas ou as ridicularizam por serem tolas. Pessoas de bem levam anos e anos praticando a virtude e recebem, como recompensa, a indiferença e o silêncio. Todos o dias, outras praticam atos que enaltecem não somente a si mesmas mas também à espécie humana. Entretanto ninguém as glorifica. E os jornais, que estampam os retrato dos piores celerados e das pretas beiçudas que bebem lisol, desconhecem a existência desse modestos e desses humildes.

Como o olhasse de frente, o homem de preto me fixou com umas pupilas estranhamente cintilantes e deu um murro na mesa.

— Palavra-de-honra! A humanidade está muito avacalhada! Perdeu, além da fé, o sentimento de sua própria nobreza e decairá, lamentavelmente. Eu, dentro um pouco, se não se emendar, se continuar assim, não quero mais saber dela.

Sorri. Mostrou de novo os dentes sujos.

E sibilou:

— Queres ver o que é *essa gente*? Anuncies que a linda senhora X costurará camisa aos pobres durante um ano, que a interessante senhorinha Y tratará de criancinha enferma seis meses a fio, que a gentil menina Z dará uma série de concerto ou recital a favor duma obra pia ou que o cavalheiro W fará qualquer coisa, no espaço de vinte e quatro horas, em benefício aos cegos. Se fores às redações e escrever as notícias, conseguirás alguma propaganda. Se passar bilhetes às pessoas de tua relação, terás um pequeno público. Porém a atenção e o entusiasmo geral não te acompanharão.

O homem de preto fez pequena pausa e sua voz silvou mais fortemente:

— Entretanto, ponhas, num cartaz, que um aventureiro ou uma aventureira, de nome, vida e atitude inteiramente desconhecidos, dançará continuamente cem ou duzentas horas e os jornais se encherão de retrato e dado sobre essa coisa inútil, feita por um homem inútil à coletividade, e milhões de pessoas deixarão na bandeja os três mil réis de entrada. Anuncies que uma pretinha americana arreganhará as pernas num palco e o sucesso de bilheteria será mil vezes maior que o dum caruso... É de indignar!, meu caro senhor.

O homem de preto se levantou bruscamente, me cumprimentou e partiu. Fiquei

olhando a porta onde saíra… A voz do criado me chamou à realidade.

— Pagarás o café de teu amigo?

Paguei.

O salão dos embaixadores

Há muitos anos não via João Fores, que fora meu companheiro na redação do *Comércio*. Eu possuía, então, alegria imensa e audácia magnífica. Contava vinte e dois anos e ainda não tocara nos espinhos escondidos pelas rosas de minha vida. Ele beirava já os trinta e sete e a experiência das coisas e o trato dos homens lhe tinham morto os últimos risos. Apesar dessa diferença de idade e diversidade de temperamento, uma serena amizade nos ligou.

Encontrei João Flores ao entrar numa das dependências da prefeitura. Quase não o reconheci. Veio falar comigo e foi o tom de sua voz que me disse seu nome. Envelhecido? Acabado? Os quinze anos decorridos desde nossa camaradagem no *Comércio* até aquele encontro foram quinze pra mim. Pra si foram trinta. A vida conta o tempo de miséria como o governo o de guerra: Dobrado. Pobre João Flores? A cabeça inteiramente branca e o rosto enrugado! Vestia um terno azul puído e o chapéu de feltro não tinha mais cor.

Contou rapidamente sua triste vida. Família grande. Doença. Desastre. Os anos solapando a energia e enfraquecendo o corpo diminuíram a capacidade de trabalho. Descera da redação e da reportagem às bancas de revisão. Trabalhara até alta madrugada por um ordenado miserável num jornal de segunda ordem.

A fim de mudar o rumo daquele triste pensamento, lembrei o passado feliz, as alegrias da viva redação do *Comércio*, em nosso tempo. E recordamos os companheiros de trabalho e galhofa. Uns morreram, outros, desapareceram de nossos olhos e de nosso conhecimento e ainda outros lá continuavam e mesmo alguns foram felizes na vida.

— Tu, por exemplo.

— É verdade. Não tenho grande motivo de queixa. Mas outros foram muito melhor aquinhoados.

João Flores baixou a cabeça um segundo e falou:

— Te lembras do Zé Felismino? Repórter de polícia sem algo de notável, poeta trivialíssimo, chegou a ministro!...

— Não o vejo há muito. Em nosso tempo era um companheiro bem alegre, muito dado com todos, um tanto imprestável e invejoso mas sabendo disfarçar esses dois defeitos magistralmente.

— Ó!... É um tipo vil! — Me interrompeu. Sabes, perfeitamente, o quanto fomos amigos. Antes de ir trabalhar no *Comércio* lhe prestei grandes favores. Eu fazia a reportagem de polícia do Brasil e, quando ele estava adoentado ou queria ir a festa e reunião, era eu quem mandava ao *Comércio*, na madrugada, em seu nome, como se fosse a reportagem sua, a cópia de meu serviço. Fiz isso milhares de vezes. Pois bem, procedeu comigo, dum modo horrível. Nunca pensei! Nunca pensei! Nunca esperei isso!

E o velho jornalista apertou a cabeça entre as mãos.

Depois duma pausa, acalmado, continuou:

— Meu filho Manuel, o mais velho, que não tive meio de educar, tem vinte e três anos e é simples funcionário de botão amarelo da central, ajudante de condutor. Querendo melhorar sua triste sorte, o tirar do rude serviço de andar a baixo e a cima nos carros, me lembrei, em primeira vez, da velha amizade de Zé Felismino. Talvez se recordasse, como ministro, do serviço que lhe prestava, quando seu colega na reportagem de polícia. Um sonho de pobre que se agarra a qualquer tábua de salvação!

Me enchi de coragem e subi a escadaria do ministério. Disse, timidamente, o que queria a um porteiro de sobrecasaca agaloada, que, com pouco caso, me mandou

esperar, num salãozinho tosco, o secretario de sua excelência. Ali fiquei, seguramente duas horas. Reinava grande silêncio entre aquelas sedas e móveis dourados Cansado de esperar sem ver alguém, me levantei e, pra desenferrujar as pernas, pra distrair os olhos, levianamente, sem dúvida, passei a outro salão maior, todo amarelo, ornamentado com grande riqueza, cheio de espelhos nos quais a minha pobre figura se repetia.

Mirava aquilo curiosamente quando uma porta lateral se abriu e nela avistei meu velho camarada. Me dirigi a ele de mão estendida esperançoso, grato, a sorrir. Franziu o cenho, sinistramente, se empertigou e, sem me dar a mão, me repreendeu:

— O que fazes aqui? Sabes que não podes entrar no salão dos embaixadores! Vamos! Te retires!

— Sou teu velho amigo João Flores.

Ele replicou, mais imperativo:

— Pouco importa! Te retires! Não podes permanecer no salão dos embaixadores!

Eu sabia que havia um salão dos embaixadores! Meus braços caíram pesadamente, abaixei a cabeça, humilhado e dolorido. Não pude pronunciar mais palavra e fugi pela primeira porta aberta que meu instinto adivinhou. Desci a escadaria cambaleando e saí rua afora, chorando como uma criança.

Olhei as faces do pobre jornalista. Havia pérola de lágrima hesitantes nas rugas bronzeadas do rosto murcho. Passei o braço no pescoço e disse:

— Espaireçamos lá fora e tomemos café. Não te ponhas nesse estado. Certa gente, pelo que faz, não merece uma lágrima. Te lembres do conselho do evangelho: Que elas não se atiram aos porcos.

O senador incorruptível

Senador Luiz Arsênio era apontado a dedo, no país inteiro, como o protótipo da honestidade. Até um dos jornalistas da oposição, que a fazia por ser isso mais rendoso que defender o governo, useiro-e-vezeiro em aplicar chavão em seus artigos de pouco fundo, várias vezes o proclamara solenemente *um varão de Plutarco*. Com efeito, a rispidez do gesto, o empinado do busto e a alvura da barba demonstravam a rígida inteireza de caráter. Tinha mais uma qualidade sublime: Era mal-criado, insolente. E não há maior nem melhor recomendação a um homem público. Existe mesmo um ditado que diz que todo sujeito mal-criado é visceralmente honesto.

Ora, aconteceu que, um dia, senhor Wilkins, representante duma poderosa companhia de fiação, foi encarregado de arranjar um dispositivo orçamentário que proibisse a entrada de linho estrangeiro, a fim de se enriquecerem os fabricantes de linho nacional. Teve carta branca pro gasto necessário à vitória.

Tinha grande prática nisso. Estava acostumado a comprar legislador e administrador, geralmente barato. Mais um não tinha importância. É verdade que havia a má-criação, a barba venerável e a fama conspícua. Porém penetrara noutras fortalezas e dentro verificara que eram de papelão.

Ademais, o luxo dos senadores não podia ser sustentado com o subsídio. Gastavam dez vezes mais. Quem cabras não têm e cabritos vende, donde vêm? Indagam os maldosos e respondem, baixinho: Da cauda do orçamento.

Por essas e outras razões, que seria óbvio enumerar, diz a praxe, senhor Wilkins pisou com pé seguro a escada do palacete de doutor Arsênio, entrou com maior segurança ainda no gabinete do senador, lhe mostrou a cópia da emenda pretendida por seus comitentes e disse, de cara, que daria quinhentos contos, metade ao ter ela seu parecer favorável na comissão de fazenda e metade quando aprovada em plenário.

Mas foi como se de repente arrebentasse um vulcão. O senador ficou de pé, lívido, a barba branca açoitada pelo tremor da indignação, apanhou, com a mão trêmula, uma estatueta de bronze e uivou:

— Te ponhas na rua, já! Miserável! Infame! Que audácia me propor uma coisa dessa. A mim, um senador da república, um homem de bem! Á! Estrangeiro vil, cuidas que os homens públicos daqui são como os de teu país!? Rua! Rua, já! Senão te parto a cara com este bronze!

E empurrou o assombrado senhor Wilkins escada abaixo. A gritaria fizera parar gente na rua. Entre ela, envergonhado, de cabeça baixa, o estrangeiro fugiu, monologando:

— Que diabo! É verdade o que dizem. Ainda há um político honesto neste país!

E isso se diria que o tornava satisfeito.

Tremendo e ainda pálido, o senador voltou ao gabinete. Fechou a porta, se atirou a uma cadeira e murmurou, furioso:

— Que sujeito idiota! Perder a emenda e me fazer perder quinhentos contos! Pois esse animal não sabe que essas coisas se tratam com meu bom amigo José Pardal, na câmara.

Sóror Marta

O trem corria a São Paulo através do grande deserto ondulado que vai da serra do Mar à velha e histórica Taubaté. Outrora, ali, imensos cafezais se estendiam sob o manto luminoso do Sol, matas e capoeirões sombreavam o dorso bombeado das colinas e as fachadas claras das fazendas sorriam entre laranjais carregados de pomos de ouro. Quase nada resta. A ignorância e a imprevidência destruíram as florestas, o sistema primitivo de cultivar o café esgotou os terrenos e a abolição acabou com o braço do escravo. No meio da desolação feita pelo homem, raras árvores dão frescura e sombra aos pequenos campos e quintalejos, poucas fileiras sussurrantes de bambus marcam os rumos das posses de terra e, na beira do rio barrento, tortuoso, tristonho, que babuja espuma de encontro ao pedrouço das corredeiras, se erguem, no azul desmaiado do céu, as torres das igrejas das cidades mortas.

Eu olhava a paisagem na vidraça larga, cotovelos fincados na mesa do carro-restaurante, esperando o café que o criado demorava a trazer e de antemão sabia ser requentado e horrível. Um homem gordo e idoso, face comum de antigo caixeiro viajante, meu *vis-a-vis* de poltrona nó carro-salão, pedira licença e se sentara em minha frente com mal disfarçada satisfação, dizendo:

— Toda gente te conhece e ninguém sabe quem sou. Portanto, permitas que me apresente: Basílio Antunes, maior de sessenta anos, da firma Mendes, Antunes & Companhia, rua Barão de Itapetininga 847, São Paulo, teu admirador e criado.

Entremeamos os pratos com pedaço de palestra. Falamos do instituto de café, da estabilização, da carestia de vida, do protecionismo e da crise. Eu estudava o homem, pouco a pouco. Parecia um simples comerciante, preocupado com lucro e perda, câmbio e preço de gênero, ressequido por trinta anos de caixeirice,[3] no comércio da vida e mais trinta de pura mercancia, depois. Entretanto, talvez tivesse na alma qualquer fibra mais interessante que vibrasse a um toque meu.

— Português?

— Não, meu caro senhor. Tenho um pouco de sotaque por causa do convívio diário com os sócios, que são lisboetas, porém sou brasileiro, fluminense da gema, nascido em São João da Barra, numa velha casa de fazenda donde se avistava o mar.

Seu olhar se perdeu no espaço, como se visse, através da distância, a mansão antiga e o oceano ao longe. Fiquei pensando nessa ligeira reminiscência do teto natal, que atravessara a alma de meu interlocutor. Que cordas vibrariam ainda naquele coração que me parecera, no começo, defumado pelo negócio? O criado trouxe o café. Tomei num trago. Frio e horrível como esperava. Acendi um charuto e comecei a olhar a paisagem.

O vento açoitava um bambual revolto, bracejante, no alto dum serro, e encrespava a água do rio, que se perdia longe, entre serras, num vale estreito e escuro, onde alvejava o oitão duma casa de fazenda. O trem diminuía um pouco a marcha.

Dois meninos, que levavam cavalo ao bebedouro, montados em pêlo, galopavam na estrada de rodagem paralela à ferrovia, procurando acompanhar a locomotiva vagarosa. Os olhei, sorrindo. Depois, me voltando ao negociante, indaguei:

— Tens filho?

— Infelizmente não me casei. — Replicou, com certa tristeza.

O julguei, como muitos de sua classe, um sentimental meio piegas, leitor de romances baratos. Ficou um tempo de olhos baixos, pensativo. Fiz outra pergunta intempestiva:

— Gostas muito de ler?

---

[3] *Caxeirice* - A profissão de caixeiro-viajante, vendedor viajante. Nota do digitalizador.

— Muito.

— Romance de amor ou simplesmente de aventura? Dumas pai? Ponson? Zevaco?

Sorriu ironicamente, seus olhos brilharam:

— Prefiro Dostoievski.

Não pude reprimir um pequeno movimento de espanto e fixei toda atenção no curioso tipo, esquecendo, entre os dedos, o charuto fumegante. Estendeu o braço, apontando algo através da vidraça.

— Olhes!

Olhei. O comboio descreveu uma grande curva e passava no meio do estreito vale, onde antes eu vira se esconder o rio. E o oitão alvo duma casa de fazenda que, de longe avistara, era simplesmente, visto de perto, uma parede isolada, o reboco em chaga, entre montões de tijolos e telhas velhos. Pousei nos olhos de senhor Basílio Antunes minhas pupilas interrogadoras. Me compreendeu e disse:

— Aquilo é tudo quanto resta da antiga fazenda de Santa Genoveva, que pertenceu a coronel Bento Fagundes de Queiroz. A conheci no tempo da escravidão, há mais de quarenta anos, quando tudo aqui era um oceano de café. Bom tempo! A casa se arruinou por causa desses romances que pensavas serem minha leitura predileta.

— Serias capaz de me contar essa história?

— Pois não. Ali morava naquela época, como disse, coronel Bento Fagundes de Queiroz, homem rico, influente na política, viúvo, pai duma menina que era um verdadeiro encanto. A conheci e admirei. Se chama Marta. Era muito clara, com olhos e cabelo negros, dum negro luzidio, azulado, de jabuticaba, que nunca vira em alguém. Como viesse sozinho e precisasse duma companhia o pai tirou a cedo demais do colégio interno onde se educava e a trouxe a Santa Genoveva. Acabava de completar treze anos. E o pobre velho, um ignorantão, prà filha se divertir, sem pensar no mal que lhe fazia neste desterro, lhe dava a ler quanto romance piegas aparecia, enchendo aquela cabeça de idéias da vida diferentes do que a vida é.

Fez uma pausa. Fixou demoradamente os olhos no oitão arruinado, que já se perdia na distância. Fez uma pausa. Deitou fora o cigarro apagado e prosseguiu:

— No tempo ao qual me refiro freqüentava, amiúde, a fazenda o caixeiro viajante duma firma paulista que tinha negócio com o coronel. Chegava quase sempre na tardinha, fazia conta com o fazendeiro, dormia e partia na manhã cedo. Muito raramente passava mais que essas horas no casarão que o riso de Marta alegrava. Era o único homem moço, bem apessoado e decentemente vestido que a pobre menina via nessa solidão. Algumas vezes ele notou da parte dela certas atenções especiais mas nunca a olhou com malícia. Via nela tão somente uma formosa menina e ela, talvez demasiadamente desenvolvida prà idade, filha dum freguês amigo, que se pode achar bonita e interessante com respeito.

Pois bem, meu caro senhor, numa noite, estando em seu quarto se preparando pra dormir, ouviu passos miúdos e ligeiros no corredor da casa silenciosa. Prestou atenção. Dali a pouco, três ou quatro pancadas leves na porta do aposento. Abriu. Entrou depressa, linda no desalinho noturno, empunhando um castiçal, a filha do coronel. Instintivamente, o rapaz recuou. A primeira impressão foi dum ato de sonambulismo mas ela, deixando o castiçal sobre a mesa de cabeceira, foi a ele, o abraçou, se aconchegou ao peito e lhe fez, emocionadamente, uma daquelas extensas e loucas declarações de amor dos tais romances baratos, sem faltar uma vírgula.

O adorava. Não poderia viver sem ele. Nem mais um dia! Era capaz de se matar! Vinha, pois, se entregar de corpo-e-alma a seu bem-amado! E dizia *se entregar* sem saber bem o que dizia. Pobre menina! O rapaz do comércio, sem letra nem filosofia mas experiente e honesto, não teve coragem de provocar naquela criança nem mesmo a

vergonha da ação que ela inconscientemente praticava. Sabia respeitar devidamente a casa onde era hóspede.

A fisionomia do homem gordo se transformara. Em sua placidez havia algo de luminoso. Preguei os olhos nele. Continuou.

— A respeitou em sua pureza. Fez como se recebesse uma dádiva, com receio que aquele cérebro aquecido pela leitura a levasse a uma crise de desespero ante a decepção duma recusa. Acordariam todos. E como se justificar com ela em seu quarto naquela hora? Só Deus sabe o que lhe poderia acontecer. A animou, a afagou, lhe dando a entender que correspondia. Ela, então, contou que o amava desde a primeira vez que o vira, como não sei quantas heroínas amaram não sei quantos heróis de seus romances.

Carinhosamente, a levou até o leito, a deitou e a cobriu com os lençóis, como se fosse sua filha. Se sentou a seu lado e, tomando entre as suas as pequeninas mãos da mocinha, começou a contar a história de Paulo e Virgínia, que lera no *Almanaque de lembrança*. Marta escutava, embevecida. Pouco a pouco foi fechando olhos até adormecer. Ele ficou ali, absorto, de olhos abertos e quase sem ver, de ouvidos atentos e quase sem ouvir. A vela do castiçal bruxuleou e morreu. Logo após, o azeite da candeia acabou e a chama do pavio se extinguiu. No escuro, o morrão[4] aceso, olho de bronze perdido na treva densa, viveu instante. Ele sentia, uma a uma, a palpitação de suas têmporas e ouvia, tão regularmente como a tranqüila respiração da menina adormecida, o bater do coração. Um grilo estridulou duas vezes num canto do aposento, o chamando à realidade. Mais um momento e fios de luz entraram nas frestas das janelas. Os galos cantavam como doidos campo afora.

Se ergueu, distendeu os músculos entorpecidos na posição, se debruçou sobre a cama e tomou nos braços o corpo quente, formoso e imóvel de Marta. O levou, assim, pé ante pé no corredor, indo o depositar no leito puro, entre alvas cortinas de renda. Lhe deu um beijo na testa e saiu do quarto de solteira sem que alguém na moradia percebesse.

Meia hora mais tarde, sem esperar que fazendeiro acordasse, conforme seu costume, partia. Ao subir seu cavalo, a passo, a ladeira da primeira serrota da estrada, acendeu um cigarro, murmurando:

— Criancice! Pensará que tudo foi sonho. Se eu deixar de aparecer não pensará mais nisso.

O criado estava de pé a meu lado, com a conta do almoço na pequena bandeja de metal branco. Não o víramos chegar. Indagou:

— Juntas ou separadas?

— Juntas. — Respondi e paguei a despesa, detendo, com um gesto, meu companheiro, que não insistiu. Quando o criado se foi, me acrescentou:

— Não penses que tudo acabou aí. O fim foi muito triste. Quis a sorte que a casa comercial a que servia jamais enviasse aquele caixeiro a Santa Genoveva, lhe dando outros encargos. Mas, numa feita, viajando entre Mogi das Cruzes e a Paulicéia encontrou de liteira, na estrada, coronel Fagundes, que contou que, sem motivo conhecido ou confessado, a filha fora repentinamente acometida duma tristeza e dum nervosismo horríveis. Tudo fizera prà distrair, curar: Passeios ao Rio, estação de cura, luxo, viagem à Europa. Cada vez era pior. Por fim, tanto rogara que consentira se fizesse freira. Entrara, na França, no convento de beneditinas de Jouarre e se chamava sóror Marta de Santa Genoveva. Contando essa história, apesar dos anos decorridos, o coronel chorava como uma criança.

---

[4] Morrão - sm Extremidade queimada do pavio duma lamparina. Pavio de vela. Mecha com a qual se punha fogo às peças de artilharia. Grão que apodrece na espiga antes de amadurecer. Nota do digitalizador. Extraído de dicionário KingHost

Desde esse encontro, que profundamente o abalou, o caixeiro viajante nunca mais soube notícia de seu antigo freguês, a não ser que vendera a fazenda e fora à Europa. Porém, um dia, passados quinze anos, leu, num jornal paulista, esta curta e triste notícia:

Por uma carta particular que nos foi gentilmente mostrada, soubemos ter falecido, em extrema pobreza e avançada idade, na França, o outrora abastado fazendeiro coronel Bento Fagundes de Queiroz, que foi um dos membro mais influentes do partido conservador no tempo do império. Nosso estimado patrício sucumbiu de dor ao saber, no hospital em que estava recolhido, da morte da única filha, por tuberculose pulmonar, na abadia beneditina de Nossa Senhora de Jouarre, da qual era monja. Ele gastara todo haver vivendo no estrangeiro pra ficar sempre perto dela. Pêsames aos ilustres membros da família.

O homem gordo recitara, maquinalmente, a tirada, como coisa que se lhe tivesse gravado na memória pela profunda impressão produzida Ele era a única chave do segredo daquele desmoronamento. Lhe estendi, instintivamente, a mão, que apertou comovido. E concluiu:

— Sabes quem foi o caixeiro viajante… Pois bem, se lastima algumas vezes não lhe ter o destino dado uma companheira capaz de o amar daquela maneira, nunca se arrependeu da maneira como procedeu naquela noite. Uma última palavra: Por favor, ao menos enquanto eu estiver vivo, não aproveites num de teus contos esta dolorosa história! Prometes?

— Prometo!

Senhor Basílio Antunes faleceu no mês passado, em Santos, e pude escrever esta página sem faltar a minha palavra.

O colar de Suzon

Suzon, a linda francesinha que enchia de alegria o bar do Palace hotel na hora violeta do aperitivo e era a melhor atração da revista *O nu artístico* do Tró-ló-ló, entrou, apressadíssima, na lôbrega sala do judeu Elrick, à rua do Hospício. Respirava ofegante por ter subido de pancada a escada de dois andares. Se atirou a uma cadeira e começou a se abanar com força.

Elrick rodou na poltrona de mola o corpanzil, tirou do nariz grosso os óculos de ouro, coçou os braços peludos, que as mangas arregaçadas da camisa deixavam à vista, e grunhiu em português puro:

— *Enton*, menina, o que resolveu teu coronel?

— É sovina e teimoso como todos os velhos de Minas, segundo me dizem. Não quer dar mais de vinte contos pelo colar. Se amarrou nisso.

— E eu não pode dar o colar por menos de vinte e cinco. É preço de amigo, quase o custo. São pérolas orientais, o que há de mais fino!

— Em vista disso, foi que vim àqui, Elrick. Trouxe cinco contos meus. Entrego este dinheiro por conta dos vinte e cinco do colar e mandarei de novo o velhote cá. Digas que estás disposto a ceder pelos vinte pacotes e o levará. Não é ainda um bom negócio pra mim?, Elrick.

— Esplêndido! — Tornou o judeu, recebendo o dinheiro.

●

No dia seguinte, em plena rua do Ouvidor, coronel Felício José de Sousa, regressando da casa do judeu Elrick, com o colar no bolso, encontrou, inesperadamente, o compadre Salim Jorge, que tinha a melhor casa de negócio em Ponte Nova. Se abraçaram efusivamente e foram tomar uma coalhada na leiteria próxima.

O sírio estranhou que, tendo vindo receber um dinheiro e liquidar negócio no Rio, coronel estivesse demorando tanto. Toda gente em Ponte Nova estava admirada, sobretudo por ele passar dois meses sem escrever à família. Comadre Romualda vivia fazendo novena. E, com a confiança de velha amizade, lhe exprobrou o procedimento. Um homem de sua idade e de sua responsabilidade agindo como um estudante!

Coronel Felício deixou pender os braços, baixou os olhos e murmurou, sumidamente:

— É por causa de Suzon, meu compadre!

Logo desabafou ao velho amigo. Estava enrabichado pelo demônio da mulher. Até parecia despacho de macumba. Ela fazia dele o que queria. Dava à francesa muito dinheiro, lhe andava no rabo da saia e não pensava noutra cousa. Agora mesmo vinha da casa do Elrick, onde adquirira prà rapariga um colar de pérola por vinte contos.

Salim Jorge arregalou os olhos. E o repreendeu: Então não tinha vergonha de dilapidar sua fortuna com uma estrangeira exploradora, com uma aventureira, esquecendo seus deveres e sua família? Aquilo não podia continuar. Nesse diapasão, continuou algum tempo.

O mineiro se rendeu à evidência dos fatos, se reconheceu culpado e acabou dizendo:

— Compadre, preciso fugir da tentação!

O outro esperava isso e o aconselhou, aproveitando aquele momento de arrependimento e fraqueza:

— Hoje irei a Ponte Nova no trem das seis horas. Irei contigo a teu hotel e te ajudarei a arrumar a mala. Depois passaremos no Cruzeiro, apanharei a minha, pegaremos o trem e amanhã estaremos em casa. A francesinha que fique esperando.

Ambos riram ruidosamente ao pensar nessa boa peça. E, dominado pelo compadre, o coronel lhe seguiu os passos.

Quando Suzon já se impacientava, esperando o velho pra jantar na pensão da Lapa, onde morava, o noturno apitava numa curva distante, rumo à zona da Mata. À mesa do carro-restaurante os dois compadres atacavam a sopa de estrelinha. No meio da refeição, Felício se lembrou do colar. Meteu a mão no bolso e tirou a caixinha de veludo toda envolta em papel de seda, com um atilho dourado. A desembrulhou e passou ao sírio.

— Vejas, compadre, o que eu daria ao diabinho da francesa. Vinte contos de reis!

Salim Jorge examinou as pérolas e as gabou, concluindo:

— Foi boa compra, compadre. Vale mais. No mínimo, uns vinte e cinco contos.

Era quanto o demônio do judeu queria, mas me amarrei em vinte e acabou entregando os queixos.

Uma dúvida o assaltou:

— Compadre Salim, que é que farei desta jóia? Que historia contarei a tua comadre Romualda?, pra explicar.

O sírio refletiu um instante e retrucou, piscando um olho:

— Tua filha Carmélia não se casará com meu filho Nagibe no dia dez do mês que vem? Pois então: Esse é o presente de casamento que compraste, no Rio, pra ela.

Sherlock Tiradentes

Enquanto mexia em seus inúmeros e complicados ferrinhos, embebendo minúsculas carapuças de algodão em líquidos erosivos, meu dentista me contava histórias passadas entre ele e os clientes. Uma dúzia delas. Dentista e barbeiro não param de falar. Fazem passar assim mais depressa o tempo das tonsuras e dos curativos.

Dizia, com risinho de satisfação:

— Neste gabinete, com a freguesia que tem, até já me tornei Sherlock Holmes.

Seu rosto largo, franco, espremia a consciência de haver praticado uma boa ação.

— Como foi?

— Esperes que contarei.

Preparou uns ferros, começou a me escavar o queixal enfermo e, em voz baixa, calma, vagarosa, desfiou a história:

— Um empregado da saúde pública, cujo nome não vem ao caso, sentado nesta cadeira, muito triste, se queixou de lhe haverem tirado do bolso, na repartição, uma nota de quinhentos mil réis com a qual pagaria a prestação da casinha que construíra no Grajaú. Pra ele, pobre, carregado de filho, era um prejuízo colossal. Desconfiava dum colega cujo nome não me disse mas não tinha prova. Como ele gozava da confiança do chefe era melhor se calar.

Dei os conselhos triviais que se dão sempre nesses casos, porém, não sei por quê, a história me impressionou e fiquei matutando sobre ela, com pena do desgraçado. Na mesma noite, estando à porta dum cinema do quarteirão Serrador, veio falar comigo um rapaz elegante, também funcionário da saúde pública, que já me fora apresentado e freqüentara meu consultório em Petrópolis, num verão. Conversamos sobre vários assuntos. De repente tive a inspiração de experimentar se fora quem surrupiara o cobre do outro. Falei de ladroeira administrativa e de roubo privado, falei de dinheiro e de honestidade. Por fim, o mais naturalmente possível, perguntei:

— Poderia, por acaso, me trocar duzentos mil réis ? Desculpes incomodar.

Ele, prontamente:

— Com o maior prazer, doutor.

Tirou do bolso um maço de nota. Notei logo que não tinha carteira. Fingi curiosidade;

— Á! O amigo está rico. Acertou na centena ou no milhar?

— Não. Fiz uma pequena transação que me deu bom lucro.

Sorri com ar de malícia e soltei a bomba:

— Quem sabe meu amigo achou, no chão, em sua diretoria, uma nota de 500 mil réis?

E pisquei ironicamente o olho. Ficou pálido. Estremeceu. Brilhou o suor no rosto. E respondeu, perturbado:

— É verdade… Achei um pouco de dinheiro, porém não na repartição… Foi na… na… na avenida Henrique Valadares… e, por sinal, duas cédulas de duzentos e uma de cem…

Forçou um riso, afetando segurança na palavra e no gesto. Me acerquei, como quem não deseja ser ouvido por mais alguém além do interlocutor, arranjei à voz um tom seco e o ataquei bruscamente:

— Estás mentindo! Absolutamente não achaste esses 500 mil reis em três notas!

— Juro! Interrompeu, formalizado e trêmulo. Juro que achei na própria repartição.

Não sabia de quem eram. Ninguém reclamou. Fiquei com eles.

— Outra mentira! Tu, repito, não os achaste! Tiraste do bolso dum companheiro.

Enraivado, rangeu os dentes e sibilou:

— Não admito! Parto tua cara!

— Não parte coisa alguma e irás ao xadrez como gatuno! És um canalha! Furtaste o dinheiro dum pobre homem, chefe de família! Tiraste a nota de 500 mil reis com a qual pagaria a prestação de sua casa do bolso do casaco pendurado no cabide. Sei tudo.

Declarei o nome da vítima e acrescentei:

— Queres que diga numero e estampa da cédula? Queres que informe onde a trocaste por duas de duzentos e uma de cem? Quer?

O sujeito estava lívido, acovardado, humilhado. Balbuciou:

— Retribuirei o dinheiro se o doutor jurar que guarda segredo. Foi uma tentação a que sucumbi e de que me arrependo. Jura?

— Palavra de honra!

Me estendeu, com a mão trêmula, tudo quanto possuía ainda: 390 mil réis.

— E o resto?

— Irei pagando aos poucos. Darei ao senhor, no consultório.

Achei preferível resolver tudo ali mesmo. Indaguei:

— Teu relógio e corrente são de ouro?

— São.

— Quanto podem valer?

— 250 mil réis.

— Me dês a corrente.

— Me entregou sem discutir.

— Agora, a soma está completa. Nada deves. Entregarei tudo a teu pobre colega sem dizer como obtive. Espero que a lição sirva pro futuro, de modo a andar menos bem vestido mas a não praticar ato indigno!

Abaixou a cabeça. Havia pérola úmida nos cílios. Continuei:

— Se algum dia tiver necessidade de dinheiro vás a meu consultório. Procurarei te servir.

Meu dentista terminou:

— Ele já me veio morder umas três vezes. Não cria vergonha.

E sorria, com desvanecedora bondade.

A filha do morubixaba

Era no tempo em que as bandeiras destemerosas, irradiando dos núcleos de população da Baía, varavam o adusto sertão do nordeste, desafiando a febre, os índios, as onças e a seca. Era no tempo dos sertanistas heróicos, que abriam rumo no interior brasileiro aos criadores de gado, que deveriam, pouco a pouco, o povoar.

Se internavam nas caatingas, atravessavam as serranias, iam sair, deslumbrados, em regiões misteriosas.

Assim conquistaram as terras virgens, explorando ou escravizando os caboclos nus. Atrás deles, os vaqueiros acorriam com lotes de gado de origem alentejana, estabeleciam as fazendas, que se iam desdobrando com o aumento das cabeças dadas aos filhos e aos fâmulos. Cada qual situava, em nova sesmaria, em latifúndio quase incógnito, casa e curral. E o deserto se enchia de vida.

Morria então o século 17 e o intimorato Francisco Dias de Ávila ajuntava na margem do rio Salitre uma grande bandeira de penetração. Em ensolarado dia de julho de 1698, a passou em revista. Mão no punho galivado[5] de prata de longa rapieira,[6] sombreiro desabado, cor de cinza, com ondulante pluma escarlate, a barba negra tufando sobre a coma estofada que lhe defendia o peito largo, pernas metidas em altas botas flexíveis, o capitão olhou a força numerosa e aguerrida que reunira, se sentindo cheio de orgulho, apto a arrostar todos os perigos, capaz de conquistar meio mundo, de descobrir no mistério do sertão imenso aquele fantástico eldorado, perdição de aventureiros. Ali estava seu denodado terço de guerra, com novecentos homens, metade armada de piques e espadas, metade com os boldriés de cartuchame a tiracolo, o arcabuz nas costas, a forqueta empunhada. Flutuavam no ar luminoso os cocares de duzentos índios mansos, com arco-e-flecha. Cem mamelucos mostravam o disparatado armamento: Machados, tacapes, zarabatanas, espadões, setas, trabucos, escopetas. 150 negros cativos guardavam as mulas de carga e transportavam víver e munição, governados a chicote. E sotainas de missionários apareciam entre aquele troço de escravo e de aventureiro.

Pra quê Ávila ajuntara tanta gente na beira do barrento Salitre ? Com que fim conduzia ao mais inóspito sertão do Brasil esse pequeno exército, que adestrara durante longo tempo?

Queria avançar ao norte até onde ninguém ainda tivesse ido. Pretendia alcançar os rios do Maranhão e, talvez, descer num deles ao oceano.

Sabia que entre a Baía e as cabeceiras do Mearim, após cruzar os penhascos da serrania da Borborema, cairia nos vales e chapadões férteis habitados pela raça indígena mais terrível que já lhe fora dado conhecer.

Com efeito, na região dos Cariris naufragavam todas as pequenas bandeiras. Os selvagens bronzeados, altos, membrudos, coroados de plumas negras, cujo nome *kuriry* quer dizer *tristonho*, as apanhavam de emboscada e as trucidavam. Guardavam seus mortos em grandes urnas funerárias, de barro escuro, faziam tecidos admiráveis de fibra vegetal e combatiam armados com pesados e enormes machados de pedra.

Contra os cariri, Dias de Ávila se preparara. Julho, fins dágua. Começaria a estação seca. Os capinzais amarelavam. As folhas se avermelhavam e tombavam, uma a uma,

---

[5] *Galivado* - esculpido. Nota do digitalizador.

[6] Rapieira ou espadim, é um tipo distinto de arma branca, uma espada comprida e estreita, popular desde o período medieval até a renascença, que se tornou a arma mais comum na época, principalmente na Itália e na Espanha nos séculos 16 e 17. rapieira alemã do século 17. Nota do digitalizador. Extraído de http://pt.wikipedia.org/

dos galhos, de repente enegrecidos. E a bandeira terrível, ao som de buzinas e trompas, desfraldado, o estandarte tracejado de verde, deixou o acampamento e, em interminável fila, se embrenhou no sertão ardente.

Caminhou. Caminhou. Doença, serpente traiçoeira e peçonhenta, sucuri e jaguar, ceifavam vidas na rota ínvia afora. Aqui, ali, um aventureiro fora arrebatado por um rio, outro caíra dum despenhadeiro, outro se extraviara na mata intrincada. No dia, marchavam sem parar, os olhos maravilhados pelo esplendor da terra nunca vista. Na noite adormeciam enrolados nas mantas, sob tendas ligeiras, envoltos na fosforescência do luar tão claro como nunca viram, contemplados pelas estrelas semeadas na amplidão, entre as quais os pingos de luz do Cruzeiro refulgiam. E, assim, romperam o grande vale do São Francisco e subiram a encosta da Borborema.

Desceram, depois, do outro lado, caindo na vasta chapada, onde viviam os cariri.

Então, na marcha, as costaneiras e benguardas[7] eram reforçadas, a carga de bagagem metida dentro do quadro de batalha, os morrões e mechas dos arcabuzeiros constantemente aceso. Na noite, a redor do campo, rondas e sobre-rondas a cada instante. Não havia de fiar nos índios Cariris, sobretudo depois que assumira o governo o mais terrível inimigo dos bandeirantes e o mais hábil, mais audaz dos cabos-de-guerra do sertão, o famoso cacique Caturité.

O sertão estava seco. As caatingas esqueléticas se estendiam a perder de vista. E o céu noturno rebrilhava com tantas estrelas, gloriosamente, como se na atmosfera não houvesse umidade pra empanar o fulgor. E a grande bandeira, desfalcada já dum terço do efetivo, embora até então sem travar combate, acampou no sopé de serros agrestes, desnudos, alguns feitos duma só pedra, mole imensa, dominando o arredor.

Bem avisado, andava Dias de Ávila na vigilância. Mal ferraram no sono, as rondas dispararam as escopetas sobre vultos rasteiros que se aproximavam. Celeuma no campo. Tudo acordava, corria às armas, procurava seu posto de combate. E só se ouvia uma exclamação saindo de todos os peitos:

— Os cariri! Os cariri!

A tribo, uivando, enfim, se atirou da sombra, brandindo os machados terríveis contra os aventureiros.

A primeira descarga ceifou muita gente, mas não lhe arrefeceu a furiosa investida. Enquanto os arcabuzeiros carregavam as armas, chuços, lanças, alabardas, espadas detiveram a horda de encontro às pontas de aço, logo ensangüentadas. Depois, novo tiroteio. Mas os selvagens vinham dispostos a uma luta sem trégua. Os primeiros clarões da madrugada brilharam no céu e a pugna prosseguia nessa alternativa de ferro e fogo.

Quando as barras quebravam e a luz primeira da manhã clareou o sertão, o capitão da bandeira viu que algumas dezenas de seus, mortos ou feridos, se estendiam no chão enrubescido. Porém sorriu porque quase toda a tribo atacante fora segada pela morte. Raros grupos de caboclos se defendiam aqui, ali cercados pelos bandeirantes furiosos.

Num deles, descoifado do arrogante penacho preto, eivado de golpe, o ousado Caturité. A seu lado, machado em punho, combatendo como homem, cabelo esvoaçante, os pequeninos seios de bronze empinados, sua filha Potira. O capitão a viu naquela postura de amazona, no fulgor delicioso da manhã. Um desejo o tomou. Atirou o cavalo à mó de aventureiros que refervia em torno, gritando, brandindo a rapieira no ar:

— Não a matai! Não a matai! A colhei com as mãos!

E chamou:

— João Telo, Luiz Álvares, Bastião Martins! Trazei vossas escalas! Mais gente! Mais gente acuda aqui! Os cercai. Vamos? Quero a mulher!

---

[7] As costaneiras e benguardas: As laterais e a vanguarda. Nota do digitalizador.

O cacique não compreendeu o que o bandeirante dizia mas sua argúcia adivinhou a situação, grunhiu qualquer coisa à índia, parando os golpes que lhe deitavam. Uivavam os aventureiros, os circulando de redemoinho de espada:

— Eta! Mata! Mata!

Caíram, um a um, os que os defendiam. Estavam quase sós. O velho fez largo molinete com o tacape, a filha o secundou com o machado.

Se abria um clarão a redor deles.

Os brancos recuaram, medrosos, a seu desespero e ambos, livres do cerco, fugiram como carapus.[8] Ganharam um dos serros próximos, o maior que dominava a planície.

Atrás deles os aventureiros correndo. A seus ouvidos, flechas de índios e mamelucos, balas de portugueses e brasileiros assobiavam sinistramente. E galgavam os alcantis do morro. Ávila guiava os perseguidores, berrando:

— Poupai a vida! Mas a pegai, a segurai! Quero a mulher pra mim!

Caturité chegou a uma ponta da rocha que se debruçava sobre o plano de muito alto. O viram lá de baixo a bandeira toda, os companheiros feridos e prisioneiros. O saudou um grito uníssono.

Trazia a filha nos ombros possantes, que ela exausta, ferida, não podia mais caminhar. A poucos passos subiam a encosta alguns homens do terço do capitão. Não tinha meio de se salvar. Então, daquela imensa altura, se despejou no espaço, com a cabocla.

De Ávila tapou os olhos com as mãos. E os dois corpos bateram no pedrouço do solo, confundidos na mesma massa horrível de carne esmagada e de sangue!

[8] Há uma infinidade de peixes denominados carapu, tanto no nome científico quanto no popular. Nota do digitalizador.

O mistério da vida

Numa destas noites em que o frio leve do inverno carioca principia, eu vinha duma visita em subúrbio distante e me recolheria até casa no ônibus das doze e meia, quando um sujeito magro e triste, que durante a viagem do trem, não tirara os olhos de minha atitude pensativa e me seguira sem que o notasse, me dirigiu a palavra sob as árvores do largo de Santa Rita:

— Cavalheiro, por favor.

Parei. O desconhecido se vestia mal e tinha aspecto de miséria. Vinha, certamente, me pedir dinheiro. De mão mergulhada no bolso, perguntei:

— O que desejas?

— Se não fora o receio de o aborrecer pediria que viesse tomar um café comigo ali na esquina, embora ignores quem eu seja, pra conversarmos algum instante. Tenho coisas importantes a dizer. Posso merecer o obséquio?

A atitude do indivíduo era tão simples e tão amável que me deixei levar pelo gosto da aventura e o acompanhei ao próximo café, onde nos sentamos a uma pequena mesa do fundo. Depois dos primeiros goles, indaguei:

— O que queres de mim?

A estranha personagem pousou a xícara no pires, esboçou um gesto lento e, me fitando com olhos miúdos, muito negros e muito penetrantes, falou:

— Cavalheiro, me chamo Antônio Francisco da Silva, um nome como há milhões, e me dedico a profundos estudos cabalísticos.

— Á! — Exclamei, prevendo uma maçada, dessas de quem se mete na cabeça certas idéias e quer, depois, as enfiar na cabeça dos que caem na asneira de lhes dar atenção.

O indivíduo ouviu meu *á!* e prosseguiu, indiferente:

— Notei, no trem, que pensavas muito, olhando a noite escura. Que pensavas não em questões terrenas, comuns, triviais, e sim em questões profundas, vitais, filosóficas. Notei isso em tua atitude, no vinco que fundamente te cavava a testa . E mesmo li alguns de teus pensamentos.

— Á! — Exclamei outra vez. E o interlocutor sentiu que se traduzia em minha exclamação, ao mesmo tempo, certo interesse e certo espanto, porque acertara. Porque, com efeito eu pensava no que me dizia, recapitulava, em meu espírito, os sistemas de idéias que, desde a mais alta antigüidade, procuram explicar o mistério de nossa vida e nada explicam. Recordava tudo isso, dolorosamente, enquanto o trem corria na treva, buscando, enfim, dentro de mim o refúgio de não pensar, pra escapar do abismo infinito e tentador do incognoscível.

Disse, francamente:

— É verdade.

Continuou:

— Vi que pensavas, que meditavas, li — e carregou a voz nesta palavra — teu pensamento. Tive pena. Como tenho estudado muito, te quis aconselhar pra tua felicidade, prà ventura dos dias vindouros, que procures não pensar, que procures saber da filosofia das coisas, da alma das religiões e do segredo dos deuses o menos possível. Porque os que sabem e os que pensam nunca serão algo, e os que ignoram e gozam materialmente a vida são tudo e serão sempre tudo. Não preciso concretizar fato nem citar exemplo. A espiritualidade dói muito aos homens em geral pra que consintam não odiar os que se espiritualizam, e custa muito sofrimento, entre os quais o pior é não serem compreendidos.

Guardei silêncio, o charuto e um fósforo esquecidos nas mãos. Examinei, detidamente, o misterioso sujeito. Estava vestido com muita pobreza mas limpo.

Seus olhos vivos e negros borboleteavam, enquanto prosseguia:

— Não penses, não saibas! Quanto mais se sabe menos se vale aos outros e menos se é a seus próprios olhos esclarecidos. Quanto mais se sabe mais se aproxima a maior decepção da vida, que é conhecer seu próprio segredo.

— Como assim?

— Contarei. Um sábio ocultista meu amigo, tanto estudou, tanto meditou, tanto se embrenhou na floresta das antigas sofias e dos esoterismos maravilhosos, que descobriu o próprio mistério da vida. E a decepção que teve foi tão grande que quase perdeu a razão. Cuidava que esse segredo fosse uma coisa formidável, terrível, fulminante, esplendorosa, inimaginável, que estatelasse. Mas viu que era tão simples, tão terra-a-aterra que seu juízo quase não resistiu ao choque. Não valia a pena tanto esforço! Somente não revelou tudo pra não matar o último interesse da vida, que é justamente essa incógnita. Contudo, a sempre, ficou triste e cético. Compreendeste?

Me levantei pra apanhar o ônibus. O magricela me acompanhou, repetindo:

— Peço, por tudo, meu caro senhor: Não estudes, não aprendas, não saibas, não penses!

Me despedi. Ao por o pé no estribo do carro ainda me sussurrou ao ouvido:

— Te sirva ao menos minha experiência pessoal. Nada digas a alguém: Fui eu quem descobriu o mistério da Vida!

O ônibus partiu na avenida abaixo. Quando desci na esquina de minha rua, me lembrei que ainda não acendera o charuto. Risquei o fósforo, soltei no ar frio a primeira baforada e não me pude impedir de murmurar:

Que tolice escutar aquele louco até o fim! Mas seria mesmo um louco?

O último náufrago

Esquecidos sobre a mesa, os cálices de Marnier[9] eram como dois grandes topázios onde a luz refletia. Estava deserto o terraço do restaurante onde jantáramos e, em frente, na treva, o mar invisível, gemendo. Eu ouvia, fumando. Meu amigo Luís Vergueiro, capitão-de-mar-e-guerra, falava.

Na primeira noite da viagem, altura de Santos, eu estava de quarto, ao lado do timoneiro sonolento. Vento brando. Mar tranqüilo. Escuridão. O cruzador tirando seis nós.[10] Rumo sul. Acendi um charuto e olhei o relógio no farol da bitácula:[11] Duas e meia. Comecei a passear no tombadilho. Depois, me debrucei no varandim, olhando algumas fosforescências que boiavam sobre as ondas. E fiquei rememorando coisas idas, quando me tocaram no ombro. Me voltei logo. Era o comandante.

●

Ia esboçar uma interrogação. Meu amigo a preveniu.

— Morreu há pouco tempo, como mirante. Filinto de Castro...

Tomou um gole de Marnier, atirou fora o charuto apagado. Prosseguiu:

— Estava sem colarinho. Dólmã desabotoado. Cabeça descoberta. O vento que zunia no cordame o coroava de agitados fios grisalhos, Havia algo esquisito no olhar. E me ordenou:

— Tenente, mudes o rumo do navio a es-sudeste e quando avistar um clarão me chames.

Perfilado, respeitoso, respondi:

— Mas nesse rumo, comandante, não há luz. Os faróis estão na costa.

Me olhou, enraivecido. Bateu o pé no tablado. Crispou as mãos. E, ríspido:

— Cumpras as ordens e mandes ativar a marcha.

Dei dois passos. Pus a mão na manivela dos sinais e disse ao timoneiro:

— Dês um pulo lá em baixo e chames, com urgência, o imediato.

O homem escorregou na escada. Ouvi a carreira no convés. O comandante perscrutava, ansiosamente, a treva. Em minutos o imediato estava a meu lado. Ciciei o que se passava e meu receio de alteração no senso de nosso superior.

O imediato era Galdino, que conheceste muito brincalhão. Bom tipo. Se encaminhou ao comandante. Porém ele não deu tempo de abrir a boca. Se afastou bruscamente, mandou as ordens às máquinas. Tomou o leme do marujo que recuperara o posto e pôs o navio no rumo que desejava. Então:

— Observai o mar e dentro em pouco avistareis a luz da qual falei.

Mergulhou o olhar na escuridão. Eu e o imediato nos entreolhamos espantados. O cruzador cortava velozmente as ondas mansas. Navegamos cerca de meia hora e fui o primeiro a anunciar:

— A luz!

No princípio um ponto luminoso, trêmulo. Depois, um lume mais forte e avermelhado. Enfim, um clarão violento. Nossos binóculos verificaram o que era: Um navio a vela, de dois mastros, incendiando.

---

[9] *Grand Marnier* é um licor criado em 1880 por Alexandre Marnier-Lapostolle, feito duma mistura de verdadeiros conhaques e essência destilada de laranja-amarga. Grau alcoólico 40%. Nota do digitalizador. Extraído de http://en.wikipedia.org/

[10] 1 nó = 1,852km/h. 6 nós = 11,112km/h. Nota do digitalizador.

[11] *Bitácula* - caixa cilíndrica onde se guarda a bússola dum navio. Nota do digitalizador

— Mandes acelerar a marcha.

Dessa vez obedeci sem pestanejar.

Encurtemos a história. Carregado de lã argentina, o brigue *Raka*, de Viborgue, Finlândia, pegara fogo. Achamos a tripulação perto, numa baleeira. Sem víver nem água. Com a corrente ali reinantes jamais alcançariam a costa brasileira. Sem nós, fora do rumo comum da navegação do sul, creio que estariam perdidos.

Recolhemos os náufragos. Nove homenzarrões louros, vermelhaços, abrutalhados. O capitão, um gigante ruivo. Camisa grossa de xadrez vermelho e preto. Gorro de feltro. Sapatorras pregueadas. Nunca vi pés daquele tamanho. Nosso pequeno cruzador estremecia a seu pisar. Se desfazia em agradecimento num inglês mastigado.

Alvorecia. Sobre a toalha do mar a luz calma da aurora combatia e dominava os reflexos dançantes do incêndio. Horizonte rosado, A carícia deliciosa da brisa denunciava a manhã. O comandante olhou, um a um, os nove náufragos, meticulosamente. Enfim, se dirigiu ao capitão:

— Falta um homem. Não é verdade ?

— Sim, replicou o gigante. Jonas, o segundo piloto. Morreu queimado, tentando apagar o fogo.

— Era um homem de trinta anos, continuou nosso comandante. Olhos muito azuis. Barba loura, em ponta. Camisa de tricô verde. Boné branco. Uma cicatriz na bochecha direita. Isso mesmo?

O finlandês recuou, espantado. Murmurou:

— Isso mesmo!

O comandante se voltou ao imediato e a mim, sorrindo. Disse em português:

— Pensaste que eu tivesse perdido o juízo. Não perdi. Porém o que ocorreu foi terrível. Eu lia no camarote, quando esse homem, cujo retrato acabo de traçar sem conhecer, se apresentou diante de mim. O vi como vos vejo. Não o poderia descrever se o não tivesse visto. O vi e ouvi! Uma voz fraca como um sopro segredou:

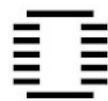
— Mudes o rumo a es-sueste… Apresses a marcha… Avistarás um clarão… Fogo… Salves a pobre gente…

Em que língua falou? Não sei. Entendi tudo e fiz tudo. O navio estava pegando fogo e a tripulação corria perigo. Então?

Eu e o imediato nos entreolhamos outra vez, atônitos. O comandante deu de ombros como se pouco de interessasse a opinião que de si fizéssemos.

●

Me levantei. Meu amigo também. Começamos a andar na avenida deserta e iluminada. Esquecidos, os cálices de Marnier ficaram sobre a mesa como dois grandes topázios onde a luz refletia.

Mexa de Algodão

O rumor de guerra enchia o velho país de Anahuac, não da guerra sagrada ou florida, que todos os anos se fazia pra obter prisioneiro, que, em festa se sacrificavam nos teocalis de Huitzopochtli, o deus feroz, mas da guerra entre povos quase irmãos. Se revoltara um dos reinos sujeitos ao teocrático império mexicano, cuja águia, calcando os espinhos dum cacto, sabia vencer todos os rivais.

Após a festa tradicional do fogo novo, que se celebrava de quatro a quatro anos, no mês hueitecuilhuitl, e o sacrifício propiciatório a Painalton, deus da guerra de surpresa e emboscada, o poderoso exército mexicano derrotara os huaves de Tecuantepec, conquistara Xoconochco e se internara, triunfalmente, no território feraz de Cuauhtemallán, que hoje chamamos, mais suavemente, Guatemala. Reinava, então, no país tributário de Teotzapotlán um rei chamado Cocijoesa, moço, ardente, formoso e bravo, cuja fama fazia, muitas vezes, quedar pensativo, no alto de seu trono de ouro maciço, entre os ricos estandartes de plumas multicores, o imperador Montezuma II, que o destino prometera à avidez cruel de Fernão Cortez.

Cocijoesa temeu que as vitórias daquele grande e aguerrido exército lhe custassem caro. Antes que o ciumento monarca de Anahuac voltasse contra ele, por inveja de seu renome, aquelas armas vitoriosas, se aliou a alguns vizinhos descontentes, como a gente de Mixtecapán, e à frente de suas tropas valentes, secundadas por vinte e quatro companhias de soldados aliados, atravessou as fronteiras, desbaratando os corpos mexicanos e destruindo as guarnições que encontrou, até se apoderar, subitamente, da importante cidade de Tecuantepec.

Mensageiros cobertos de suor, correndo nos caminhos no sol e na chuva, levaram a Montezuma, no vasto palácio suntuoso da capital do México, que se mirava na água quieta dos canais e do lago, as novas dessa espantosa rebeldia. Empalideceu de raiva, descendo da sédia,[12] em que, nas costas de homens, era conduzido no interior da moradia, e, mandando reunir o conselho privado, batia com os pés impacientes nas grandes lajes polidas.

Vieram a sua augusta presença o Tlacochcalcatl, senhor da casa dos dardos, ou generalíssimo do exército; o Tliacatecatl, cortador de homens ou grande juiz criminal; o Tliancalqui, senhor da casa negra, vários príncipes de sangue; o Atempanecatl, senhor das águas e dos lagos, e o Tezcacotl, grande chefe militar. Determinaram, de comum aviso, enviar numeroso exército contra o rebelde, o derrotar e o trazer vivo pra escarmento dos vizinhos tributários em cujas almas fermentasse aquele exemplo a vingança soez. Serviria em Anahuac a dar maior esplendor ao triunfo, depois seria estrangulado, conforme o costume, pelos Huitznabuacatl, e todos os de sua privança ou família receberiam a coleira infamante dos escravos.

Se preparou, sem tardança, o exército vingador. Se marcou o dia da partida sob o signo propício de cecohuatl. Na meia-noite, antes que as forças abalassem, se invocaram o sol, o fogo, a terra e os dois deuses dos bons caminhos: Zacatzontli e Tlacotzontli. Então as companhias de guerra marcharam. Até as portas da capital as conduziram os sacerdotes, carregando nos ombros a imagem do deus Painalton, parando de certa a certa distância a fim de lhe sacrificar codorna.

Em primeiro lugar desfilaram os guias, astutos sabedores de todos os atalhos, de todas as montanhas e das propriedades das fontes e das plantas. Logo em seguida, corpos e mais corpos de arqueiros bronzeados, com tangas e cocares de pena. Levavam na mão o thlauitolli de madeira elástica e corda de nervo, ou de pêlo de veado

[12] *Sédia* - sf Cadeirão, poltrona de luxo. Nota do digitalizador. Extraído de http://www.dicionarioweb.com.br/

entrançado, com cinco pés de comprimento. Nas costas um feixe de setas longas e leves, de pontas de osso, pedra polida, ou espinha de peixe, que sabiam disparar três ao mesmo tempo. Eram todos das raças tarahumar ou hiaqui. Seu exercício predileto nas épocas de paz consistia em formar um círculo de arqueiros, lançar ao espaço um feixe de palha de milho e não o deixar cair, o mantendo sempre no ar a custa de sucessivas e certeiras flechadas! Depois deles, as pesadas companhias de mexicanos armados com a lança tepuztopilli, de ponta de cobre, alguns batalhões de Chiapán e Chinantla, cujos piques mediam 3m comprimento e que traziam na cinta grandes macanas ou espadas de pau. Terminavam o grosso da tropa peões ligeiros, divididos em pequenas escalas, cada um com uma funda, ou tematlatl a redor da cabeça e outra em torno da cintura; maceiros com clavas de madeira rija, pregueadas de cravos de cobre, que se denominavam cuauholilli e pendiam do punho por um fiador de couro torcido; dardeiros com javelinas de três pontas, que se lançavam com a besta atltl, e, enfim, os carregadores das bagagens em intermináveis e desordenadas filas.

Os espiões de Cocijoesa levaram a notícia do avanço daquela força considerável, comandadas pelo próprio generalíssimo imperial. O impávido guerreiro sentiu a extensão do perigo. Deu balanço em seu recurso e, verificando não poder se medir em campo raso com aquele exército, resolveu o esperar ao abrigo de inexpugnáveis fortificações. Não as tinha mas seu gênio desconhecia dificuldade. Na fronteira do reino passava um rio profundo e largo. Na margem que lhe pertencia se erguia a áspera serrania que vai de Xalapa à proximidade de Tecuantepec. Em suas faldas escarpadas construiu altas muralhas de pedra, em torno dum terreno chão, onde havia várias nascentes de ótima água. Em grutas e armazéns, depositou víver pra um ano: Centil, milho seco na própria espiga; pinolo, ou farinha de milho; etl, exotl, ou ayacotl, feijão de variadas espécies; chiam pra bebida refrigerante; regalo da semente do huauatli; chili, ou pimenta; todos os vegetais comestíveis como nopal, tomate, mizquitl, raspaduras do magui, chayotli; caças salgadas, ou secas: Totolin, veados, coelhos e as três espécies de cachorro-do-mato; ovos de tartaruga, peixes, lagartos, cobras e rãs de conserva, bem como as formigas ozcamilli e os gafanhotos chapolim.

Topando os rebeldes naquele formidável reduto, os mexicanos não se atreveram ao assalto e os assediaram pra os obrigar a se renderem pela fome. Mandaram ao mesmo tempo buscar reforço, que nada lhes serviram. Noite alta, quando as sentinelas cabeceavam de sono e frio, ao pé das fogueiras quase apagadas pelo vento cortante da montanha, em veredas ínvias, somente deles conhecidas, os sitiados faziam sortidas terríveis, que pouco a pouco dizimavam a tropa imperial. Sete meses o exército de Montezuma cercou o guerreiro de Teotzapotlán, sem conseguir resultado, até que um dia, abatido pela fome, trabalho, doença e clima, regressou, tristemente, à capital mexicana.

E Montezuma receou mais ainda a glória e o valor do chefe revoltado. Mandou uma embaixada. Os enviados imperiais saíram da casa do Pochtecatlatoque, espécie de ministro do exterior, que lhes deu as últimas recomendações do soberano, e partiram à fortaleza de Cocijoesa, levando nas mãos os cajados lisos chamados xonecuilli, que eram a representação do deus Yiasateculli, e o grande abanador de pluma, papel e madeira leve, intitulado tzacuilhuaztlli. Na escuridão da noite, nas estradas ermas, sacrificavam a esses símbolos divinos e, quando chegaram à presença do chefe inimigo, lhe deram o recado de Montezuma e trocaram avenças de paz. O imperador prometia amizade, o perdão e a mão de sua filha, a mais bela mulher de Anahuac, aquela que os deuses tinham destinado a ser o encanto de todos os olhos e os cronistas espanhóis chamariam, por sua alvura macia, *Copo de Algodón*, Mecha de Algodão! O zapoteca aceitou, perplexo, a oferta, embora sempre receoso da perfídia imperial e ignorasse

fosse linda ou feia essa mulher.

A fama da beleza máscula e do heroísmo dele, ao contrário, penetrara já no paço de Montezuma. Havia muito tempo Mexa de Algodão só ouvia falar no rei Cocijoesa e um grande desejo de o ver, conhecer e amar lhe enchia a alma ardente como o sol de sua terra.

Se aproximando da capital mexicana o guerreiro parou, numa tarde, no sítio que, mais tarde, se chamaria charco da Marquesa, e foi tomar banho num límpido regato que corria perto, sob a folhagem de bronze de árvores possantes. Despiu as três peças do traje nobre: A manta ou tilmatl, o maxtlatl ou saio, e os cactli, sapatos, todos de variegados matizes, tecidos de penas de pássaro e de pêlo de coelho. Se atirou à água clara. E, de repente viu diante de si um vulto de mulher, tão linda que só em sonho poderia pensar existir. Estendeu a ela os braços trêmulos e perguntou:

— Quem és? Quem és? O que queres de mim?

Ela respondeu com serenidade:

— Sou tua noiva, a filha do Montezuma, Mexa de Algodão. Nossas leis mandam que a noiva, antes de se casar, lave o corpo do futuro marido. Vim cumprir os ritos. Vim te lavar.

Ele sorriu, embevecido. Chegou à margem do ribeiro e ela, ritualmente, o lavou com um sabão perfumado e o ungiu com um óleo que trazia num vaso de ouro.

Depois, mostrando um sinal lunar que tinha nas costas da mão esquerda, disse:

— Quando chegarem teus mensageiros à presença de meu pai e ele lhes ordenar que escolham a filha com quem deverás te casar, entre minhas irmãs, poderão te reconhecer por este sinal. Não esqueças, meu pai poderá querer te enganar, te dar outra em meu lugar.

E partiu tão misteriosamente como viera.

A má-fé do imperador era proverbial. Colocou Mexa de Algodão entre as simples mulheres do paço e apresentou, na audiência solene, aos embaixadores zapotecas todas suas filhas, menos ela. Eles procuraram a moça do sinal segundo lhes recomendara seu rei. Não a acharam. Porém, se voltando ao lado das outras mulheres, viram que uma o mostrava de longe, na mão clara e fina. E a pediram, em nome de Cocijoesa, pra sua rainha e senhora.

Assim, Mexa de Algodão, filha de Montezuma, se casou com o mais audaz e belo guerreiro da raça Nahoa, contra quem fora inútil o poder de seu pai. E muito profundamente se amaram os dois jovens esposos, nascendo de sua feliz união Cocijopij, Raio do Espaço, que foi feito, adolescente ainda, rei e senhor de Tecuantepec.

A lanterna mágica

Quando eu era criança, na rua onde morava havia um bazar que me seduzia e atraía, diariamente, duas vezes: Ao ir e ao voltar do colégio. Porque tinha uma pequena vitrine cheia de brinquedo. Em minha pacata cidade provinciana nunca vira coisa mais linda. E os minutos que passava a contemplando foram os mais deliciosos e felizes de minha vida.

Certa vez descobri no meio dos soldados de chumbo, cavalinhos de pau, trens em miniatura e polichinelos uma lanterna mágica. Era toda pintada de vermelho, cum projetor e uma chaminé prateados. Junto, estava desdobrado um papel azul, no qual se liam as instruções pro funcionamento e se via uma família venturosa apreciando as vistas projetadas pelo maquinismo. Naquele tempo ainda não se falava em cinema e a lanterna mágica representava, pra mim, o *nec plus ultra* no gênero. Fiquei louco de desejo. Ansiei possuir aquele brinquedo divino. E tive um gesto de coragem: Entrei no bazar e perguntei, ao proprietário, quanto custava. O negociante me olhou a roupinha de brim muito lavado, o maço de livros mal-encapados sob o braço, os sapatos velhos, cambados, com as meias de algodão caídas em polainas e me respondeu por piedade, senti que foi por piedade, cônscio de que jamais poderia comprar aquela maravilha:

— Doze mil réis.

Doze mil réis! Uma fortuna! A quem pedir esse dinheiro? Àquele que me tem dado tudo o que tenho gasto. Àquele que me tem feito tudo o que sou: A mim mesmo. Então, começou minha luta. Juntei vintém a vintém, tostão a tostão, me privando de guloseima e andando a pé, as magras moedas da merenda e das passagens de bonde. Trafiquei com lápis, canetas e penas. Fiz tema e resolvi problema pros meninos ricos e vadios por dez réis de mel coado. Levei meses, longos meses, nessa terrível economia e todos os dias ia ver se a lanterna estava no lugar.

Enfim, um dia completei os doze mil réis ambicionados. Com os bolsos cheios de níquel, pratas e cobres, corri ao bazar. A lanterna não estava mais na vitrine! Seria possível que a tivessem vendido? Na véspera, na tarde, ainda a vira. Penetrei, trêmulo, na casa e, mais trêmulo, disse ao lojista, as mãos pejadas de troco:

— Estão aqui os doze mil réis. Me dês a lanterna mágica!

O homem sorriu piedosamente e replicou:

— Foi vendida nesta manhã.

Fiquei estupefato. Depois, de olhos esgazeados, o lábio tremendo, indaguei:

— A quem?

— Ao filho de doutor Garcia.

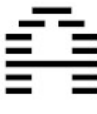
Saí, trôpego, o dinheiro inútil do sacrifício nas mãos, lágrima pulando dos olhos. Foi a primeira grande decepção de minha vida. Então, eu desejava ardentemente uma coisa, penava prà obter meses a fio, fazia todos esforço possível e, afinal, aquilo ir parar nas mãos do filho de doutor Garcia?!

Era um menino gordo, balofo, rico e caprichoso, que tinha tudo quanto queria. Até uma bicicleta! Pois me roubava o que seria minha alegria! A dor foi muito forte e durou bastante tempo.

Num aniversário, mais tarde, me deram de presente uma carrocinha de madeira puxada por um cavalinho branco de crina ao vento. Brincava com ela no passeio da casa, quando o filho de doutor Garcia a viu. A ver e querer foi obra dum instante, como na poesia célebre.[13] Acostumado a satisfazer todos seus caprichos de grão-senhor, me

---

[13] Deve se referir ao poema *Morta!*, de Tomás Ribeiro (1831-1901), do parnaso português. A estrofe: Que tudo o que eu amar logo se extingue! * No cuidado jardim de meus amores, * Que nem

propôs a comprar. Recusei. Seu capricho se espicaçou:

— Troco por outro brinquedo. Queres?

— Quero, sim.

— Por qual?

— Por tua lanterna mágica.

— Está feito!

Foi buscar. Mas ela não me deu mais a alegria triunfal que me teria dado quando tanto a desejava. O amargor da decepção e o travo da lágrima se metera de permeio.

Essa história é, talvez, um símbolo de meu destino. Quase tudo o que almejei obtive. Nunca, porém, no momento em que essa obtenção me faria inteiramente feliz. É necessário esperar, sempre, que um filho de doutor Garcia me preceda. Depois, sim. Porém, já não choro mais. Dou de ombros e sorrio.

---

uma só flor, de tantas flores, * Hei de ver e querer que viceje e vingue! Nota do digitalizador. Extraído de http://www.archive.org/

A parte fraca

Andava eu nos quinze anos e tinha a mania de ser militar. Lia a *História de Napoleão*, de Carlos Hugo, sonhava com batalhas dia e noite e, como nesse tempo, na cidade de Fortaleza, onde vivia, não existia tropa do exército, buscando amigos de farda só os podia encontrar na polícia estadual. *Quem não tem cão caça com gato*.

O oficial dessa milícia com quem melhor relação entretinha era tenente Marcos. Homem rude e inteligente, me parece ainda hoje o ver, e lá se vão vinte anos. Alto, ombros largos, quepe inclinado sobre a orelha, os tufos do bigode castanho brotando dos cantos dos lábios, agressivamente. Corajoso, como o provara em campanhas sertanejas contra cangaceiros, tinha aspecto de mata-mouro[14] e era, todavia, de coração generoso, de alma boa.

Quando comandava a guarda da cadeia eu aparecia. O encontrava à porta, sob uma mongubeira,[15] cavalgando uma cadeira austríaca, fumando cachimbo.

— Como vais?, frangote. E teu pai?

Meu pai comandara a polícia quando sargento, e eis, talvez, por que aturava com paciência e sorriso minha caceteação. Eu lhe contava tudo quanto sabia sobre Napoleão. Apesar da farda, dos galões, dos botões dourados, não se interessava muito pela epopéia e preferia falar do Bico-Furado, do Rabo-de-Onça, do Sucupira e doutros cangaceiros de truz. Às vezes, contava uma ou outra coisa da guerra do Paraguai, da guerra de López, por ouvir dizer.

Sucupira era de quem mais amiudamente falava. Trinta e duas mortes na cacunda, marcadas a cruz com a ponta da faca na coronha do rifle. O prendera na serra dos Francos, em 1899, após horrenda luta. Sucupira fora condenado pelo júri a trinta anos de prisão e estava na cadeia da capital.

— Queres ver?

Aceitei o convite e entramos na penitenciária. Era um casarão antigo com única porta, gradeada de ferro, diante da qual passeava uma sentinela. Ocupava uma quadra, entre as ruas Senador Pompeu, General Sampaio, da Misericórdia e a chamada Rampa, onde se depositava o lixo da cidade. Suas altas paredes, dando à Santa Casa, a estação da ferrovia, os quartos de alugar de João Bazófia e o mar, não tinham outra abertura, além de óculos, na altura duns três metros, senão mais, cruzados de varões de ferro. Na fachada que dava ao mar, do alto duma barranca, se abria a porta sombreada de mongubeira.

Por elas entramos. O corpo-da-guarda, com tarimbas, um aposento pro oficial e o escritório do carcereiro. Uma sentinela imóvel, de baioneta calada, outra grade e a luz dum pátio interno. O ladeavam as oficinas de sapataria e carpintaria. No centro havia um sobradão retangular, onde existiam as células. Até lá nos dirigimos e, pela grade duma delas, vi Sucupira.

Da sombra, um vulto de homem avançou à porta baixa. A meia-luz do corredor o iluminou e recuei três passos.

— Boa tarde, seu tenente. — Disse, com a maior naturalidade.

— Boa tarde, Sucupira.

---

[14] *Mata-mouro* - Fanfarrão, valentão, ferrabrás. Nota do digitalizador. Extraído de http://www.infopedia.pt/

[15] Monguba (*Pachira aquatica* Aubl) é uma árvore da família das bombacáceas, nativa da América Central e do Sul. Conhecida vulgarmente como *munguba*, *mamorana* (falso-mamão, o sufixo tupi *'rana* = prefixo grego *pseudo*), *castanhola, castanha-do-maranhão e paineira-de-cuba* é uma árvore frondosa. Nota do digitalizador. Extraído de http://pt.wikipedia.org/

E fomos embora.

Quatro lustros são passados e ainda não esqueci aquele homem. Se diria uma fera enjaulada. Pisava nas pontas dos pés, como os felinos, sem ruído. Era um mestiço de índio e negro, picado de bexiga, cor de bronze velho, todo músculo e nervo, desengonçado, com um olhar esverdinhado, de revés. Dava a impressão dum homem fraco, duma onça doente mas,bem observado, fazia estremecer.

Se passaram algumas semanas. Uma quinta-feira do mês de julho, conversava com tenente Marcos e deviam ser quatro horas da tarde quando horrível algazarra veio de dentro da cadeia. O oficial se levantou e o segui. Nos dirigíamos ao portão de ferro, quando nos surgiram, na frente, o carcereiro, seu ajudante e o cabo da guarda. E explicaram o que havia.

Na hora de terminar o trabalho das oficinas, os presos da de sapataria, armados de fôrmas, martelos e sovelas, se revoltaram a pretexto de obterem melhoria de rancho. Estavam furiosos e ninguém se atrevia a entrar naquele salão.

Tenente Marcos encontrou a guarda formada no pátio. Dobrou as sentinelas internas e externas, mandou alguns homens guardar os presos das outras oficinas e, à frente de seis soldados e um sargento que lhe restaram, se dirigiu à de sapataria.

Manhosamente eu seguia, com curiosidade infantil bem caçada, todos esses movimentos.

Os carcereiros fecharam as grades da sala mas dentro era um verdadeiro inferno. Nus da cintura a cima, uns trinta presos, armados com aqueles instrumentos de trabalho, davam grito descompassado de sedição e morte. O tenente e seus homens estacaram à porta.

Quando os avistaram, os revoltados não se intimidaram. Vaiaram. Os desafiaram a entrar. O sargento quis transpor a porta com o tenente. Uma chuva de fôrmas de madeira pra sapato os acolheu. Ao se abaixarem, as evitando, a chusma se atirou contra a porta aberta, querendo fugir por ela. Rápidos, os soldados engatilharam as comblains.[16] Os sediciosos recuaram, assustados. O oficial e o inferior, aproveitando o recuo, saíram e de novo se fechou sobre aqueles entes miseráveis e ferozes a pesada grade.

O sargento perguntou a tenente Marcos:

— Devo telefonar pra vir reforço do quartel?

— Não. Vás buscar Sucupira.

Daí a minutos o homem desengonçado chegava. Seu olhar turvo e verde passeou em todos nós.

— Que é que hai?, seu tenente.

O oficial explicou e acrescentou:

— Se és homem pra entrar aí… E será trabalho pra ti mesmo, pois esses serviços se contam e recompensam.

— Me dês uma faca, seu tenente, e eu entro. Sem faca, não.

O tenente fez um sinal ao sargento, que lhe entregou uma canindé de dois palmos de comprimento.

Os carcereiros meteram as chaves nos cadeados e o sargento gritou:

— Sucupira entrará!, pessoal.

Um frêmito de espanto percorreu os raivosos sapateiros. A grade se abriu e, no silêncio que se fez, nenhum grito feroz ousou mais vibrar. Se ouviam somente as

[16] *Comblain brasileira* - Esse rifle é uma variação distinta daquele cartucho reforçado criado por Hubert-Joseph Comblain de Liege, inicialmente adotado como o Comblain belga em 1870. Foi o padrão oficial do exército brasileiro de 1873 a 1892. Nota do digitalizador. Extraído de http://www.militaryrifles.com/

respirações ofegantes de todos. E os presos, instintivamente foram, recuando, recuando à parede do fundo, deixando na frente um grande clarão semicircular. E nele avançou a figura formidável do cangaceiro.

Todo torto, todo enroscado, como cobra preste ao bote, a faca nua na mão, deu dois ou três passos, horríveis passos, sem rumor, de onça. Subitamente se aprumou, pareceu maior, ereto e ágil, na pontinha dos pés. A faca relampejou no ar e uivou:

— Canaias! Cachaceiros! O premêro que me oiá de frente sangro na goela, arranco os bofes pelo traseiro! Larga tudo os utensio no chão e vai saindo um a um!

Assisti o espetáculo extraordinário: Uns trinta homens rebelados não darem um pio e, largando as armas, saírem, um a um, de cabeça baixa. À proporção que saíam, a guarda os conduzia às células. Desaparecido o último, o tenente levou Sucupira até a dele. À porta, lhe apertou a mão e disse, comovido:

— João, obrigado!

— Quando seu tenente quiser... Não há de quê.

Um a um, velozes e perfumados de alegria, os anos da adolescência voaram ao passado. E num deles li que, em certa data nacional, o presidente do estado perdoara a João Sucupira o resto da pena que faltava cumprir.

Andava eu nos vinte anos quando, numa noite de luar, passeando a cavalo sozinho no branco areal que se estende entre a antiga fábrica de curtume, hoje escola de aprendiz, e o oceano, ouvi pancadas e gritos saindo do pequeno cajueiral, na beira do caminho. Àli atirei o animal a galope e fui parar no limpo terreiro duma choça. Na porta traseira havia luz. Dentro uma voz feminina dizia desaforo do mais baixo calão, as pancadas não descontinuavam e uma voz de homem gemia. Apeei, prendi o animal a uma estaca, dei volta à habitação e cheguei à porta traseira. Uma candeia de querosene sobre uma mesa de pinho. Chão de terra batido com uma trempe e uma panela no fogo. No canto, encorujado, um vulto de homem e, de costas a mim, uma mulher o açoitando com uma correia grossa. Entre as injúrias, constantemente clamava:

— Noutra vez, se eu te vir falando com ela, te matarei a pau!

Transpus a porta e arranquei o açoite das mãos da mulher, que se voltou, espantada. Era uma mulata clara, limpa, bonita. Ia avançar contra mim, ferozmente, mas ao ver minha roupa, minha bota, se sobresteve, com certo respeito, e guinchou:

— O que tens, moço, com briga de marido e muié?

Antes que respondesse qualquer coisa o homem se desencorujou[17] e amostrou rosto e estatura à luz. Esfreguei os olhos, assombrado. Seria possível!? O mesmo pisar de felino, a mesma cor de bronze velho, o mesmo olhar esverdinhado e turvo! Era Sucupira!

Contei que ouvira o rumor da surra e viera auxiliar a vítima. Podia esperar tudo, menos uma briga conjugal. Pedi desculpa e saí. O homem me acompanhou ao terreiro, embaraçado, e me segurou o estribo.

Ao montar, perguntei:

— Não és João Sucupira?

— Inhor sim, seu doutor.

— Não foste quem, mandado por tenente Marcos, há uns quatro anos, entrou na oficina de sapataria dos presos da cadeia e desarmou uns trinta sozinho?

— Inhor sim, seu doutor. Vosmincê ouviu falar?

— Não. Vi.

— Á! vosmincê seria porventura aquele frangote que estava 1á naquela tarde?

---

[17] *Encorujar* - Se esconder como as corujas, se furtar da vista do público, se retrair, se entristecer. Nota do digitalizador. Extraído de dicionário KingHost

—Eu mesmo.

Houve um silêncio. A Lua escondeu o rosto. Um ventinho frio, de chuva, agitou o cajueiral. A areia dos morros começou a correr com um chiado triste.

Falei:

— Não compreendo como um homem valente como tu, um homem com trinta e duas mortes na cacunda, um homem capaz de brigar com mais de trinta presos, apanhe assim duma mulher.

— O que farei, seu doutor? — Respondeu, encolhendo os ombros, resignado. — O que farei? Bater, seu doutor, na parte fraca?!

— João Sucupira! — Bradou da casa a voz da mulata, deixa o moço ir embora e anda apanhar o resto da sova, *mode* nunca mais ficá lamecha[18] com aquela desavergonhada, aquela sirigaita, aquela…

E saiu da sua boca um rol de nomes medonhos. João Sucupira largou meu estribo:

— Boa noite, seu doutor, boa noite... Já vou, já vou, Mariazinha...

Com seu passo leve de felino o homem regressou à choça. Pus o cavalo a passo, na sombra do cajueiral perfumado de luar. E até a estrada ouvi os gemidos baixos de Sucupira, os palavrões e as correiadas terríveis da parte fraca...

---

[18] *Lamecha* - Ridiculamente terno. Demasiado sensível. Amimado. (http://www.infopedia.pt/) A frase pode ser explicada assim: De modo a não ficar assanhado com aquela… Nota do digitalizador.

Joaninha da rua do Egito

Padre Gomes conhecia o Brasil todo. De norte a sul e de leste a oeste. Se ordenara com vinte e dois anos no seminário da Paraíba e se pusera a correr mundo. Vigário no interior do Amazonas, andara nos rios e igarapés em desobriga, de gaiola ou de montaria, de ubá ou de igarité.[19] Administrava paróquia em Mato Grosso e no Rio Grande do Sul. Fora secretário de bispo no Paraná e em Alagoas. Tivera um colégio em Recife, o Partenão Pernambucano, na rua da Aurora. Lecionara latim no Maranhão e no Ceará. Ensinara português na Baía e em São Paulo. Enfim, com sessenta e quatro anos viera encalhar naquela povoação mineira de São Gonçalo, onde o conheci, quando comecei minha vida no áspero sertão mineiro de Paraopeba.

Eu tinha, então, vinte anos e era secretário dum engenheiro que estudava pra prolongar a bitola larga da central entre Congonhas e Belo Horizonte. Na tardinha, depois do jantar no hotel Rotelo, atravessava a ponte de madeira lançada sobre o rio barrento e ia conversar com o velho sacerdote, que morava na outra margem. Sentávamos embaixo duma latada, e, enquanto o crepúsculo caía, os morros semeados de casas de cupim iam se tingindo de violeta e púrpura, me contava história de toda espécie, aventura de toda qualidade, cada qual a mais curiosa, senão a mais tétrica. Ao longe, um monjolo batia isocronamente,[20] perto os sapos coaxavam e os grilos começavam a cantar. A noite chegava pé ante pé. Um uivo de lobo varava o céu onde tremeluziam as primeiras estrelas. E Basilício da venda punha à porta, num gancho, um grande lampião a querosene, que iluminava a única rua do povoado.

A narrativa do ancião continuava na sombra noturna. Uma vez me falou assim:

— O caso mais terrível de que tenho notícia se passou no Maranhão, terra de feitiçaria e de macumba. De sexta a sábado os batuques sinistros enchem a noite inteira com seu lúgubre ritmo africano. Conheci em São Luiz, por acaso, o comandante dum paquete do lóide Brasileiro. Nos tornamos amigos e sempre que passava por aquele porto me visitava ou me convidava pra almoçar a bordo.

Da última vez que o vi guardo arrepiante lembrança. Jantáramos juntos, no hotel Central. Nos separamos pouco depois, ele pra embarcar, eu rumo a minha casa da rua do Sol. Eram onze horas da noite quando bateram açodadamente a minha porta. Estava lendo. Me levantei e fui abrir. Era o comandante. Entrou ofegante, olhos esbugalhados, num estado nervoso horrível. O acalmei. Dei qualquer coisa pra tomar. E o homem me contou a seguinte história:

Costumava, quando o navio dormia no porto, passar a noite em casa duma moça alegre da rua do Egito, que se chamava Joaninha e pela qual tinha velha inclinação. Chegara até lá na véspera, bateu e ela lhe viera, sorridente, abrir a porta. Na manhã cedo, ao se retirar, conforme costume, deixou na gavetinha duma mesa da sala de visita uma nota de cem mil réis. O vapor, que devia partir às nove horas da noite, após nosso jantar, sofrera sério desarranjo na máquina, logo que chegara a bordo. Se adiou a partida ao dia seguinte e desembarcou com a intenção de pernoitar na rua do Egito. Saltou na rampa e até lá se dirigiu. Bateu longamente à porta da casa, sem resposta. Ao rumor uma vizinha surgiu à janela de sua moradia.

— A senhora poderá me informar se Joaninha saiu ou se mudou hoje?

— Hoje!? — Repetiu a mulher, em profundo espanto. — Joaninha morreu e foi

---

[19] **Gaiola** é um navio típico da Amazônia, misto de passageiro e carga. **Ubá** é uma tipo de canoa. **Igarité** s.f. Bras. Canoa de um mastro e de 2m a 3m de boca. Espécie de chata. Nota do digitalizador. Extraído de http://www.dicio.com.br/

[20] Isócrono - Iso (igual), crono (tempo): Compassado, a intervalos idênticos.

enterrada no dia dez, faz uma semana.

Ficou assombrado. Não! Não era possível! Estivera com ela, falara com ela. Aquela mulher estava pilheriando.

— Deixes de caçoada!, minha senhora. É possível que Joaninha tenha morrido? Ainda ontem na noite estive aqui e falei consigo.

— Cruzes! Só se foi com sua alma! Estás maluco? Juro por todos os santos da corte celeste que ela morreu! Fui eu quem vestiu o corpo. Procures qualquer pessoa na rua e perguntes. Cruzes!

E bateu com a rótula. O comandante teve um ímpeto de saber a verdade. Olhou a rua deserta, se armou de coragem, meteu o ombro à porta e a forçou. Penetrou na salinha escura e riscou um fósforo. À pequenina luz vacilante viu a mesinha no canto. Àli se dirigiu, abriu a gaveta com a mão trêmula, apalpou o forro e achou a cédula. Então, apavorado, deitou a correr até minha casa.

— Padre, que coisa horrível! — Soluçou de joelho. — Tomes estes cem mil réis e faças dizer missa por aquela alma. Me perdoes, padre, e me dês uma penitência!

Aquele homem robusto tremia como vara verde. Me sentia horrorizado mas me dominei e disse ao desgraçado, com toda a brandura:

— Meu filho, as manhas de Satanás são terríveis mas a misericórdia de Deus é infinita. Passes a noite comigo em oração, voltes amanhã a teu navio, procures esquecer o que te aconteceu e nunca mais pecar.

A voz do padre Gomes c se alou no fundo da latada. Fiquei em silêncio algum tempo. Depois o interrompi:

— Me desculpes, padre, mas se isso não foi um pesadelo foi alucinação ou bebedeira do comandante.

— Não sei, menino. — Tornou, calmamente — Não sei o que foi. Tudo neste mundo é possível. O que posso assegurar é que o homem me procurou em estado lastimável e que não estava bêbedo.

Ao longe, na noite faiscante de pirilampo, o monjolo secular continuava estremecendo monotonamente.

A coroa de defunto

— Quem fala?

A voz feminina, que chamara doutor Martins ao telefone, respondeu:

— Hilda.

— Qual Hilda?

— Hilda Noronha, a amiguinha de Beatriz.

O rapaz sentiu uma comoção forte ao ouvir o nome e, após pequena pausa, falou:

— Á! como vais?, Hilda. Desculpes não ter reconhecido logo tua voz. Há mais dum ano não te ouço. Estou a tua ordem.

Roberto, — continuou a voz, baixinho — venho te dar uma triste notícia: Nossa amiguinha morreu em São Paulo, de repente…

— Quem? Beatriz? De quê?

As interrogações tremiam nos lábios. Ficou lívido. Ela continuou:

— Foi do coração. Um ataque repentino. Recebi a notícia agora mesmo e sigo a São Paulo no trem das nove horas. Se quiseres algo vás à estação. Até logo.

Se deixou cair na poltrona da secretária e, escondendo o rosto nas mãos, de bruços sobre o tampo coalhado de papel, chorou como uma criança. No silêncio do aposento os soluços ecoavam tristemente. Fora o rumor da cidade morria no crepúsculo.

Beatriz fora o sonho de sua vida, realizado e, após, tornado impossível. A amara durante cinco anos, como louco, cada dia mais, cada dia mais. A circunstância, porém, o separaram. Fatalidade! Ela partira a São Paulo, zangada, não querendo compreender a grandeza do sacrifício que ele fizera, rompendo laço tão forte, arrancando do coração raiz que gotejava sangue. Seu orgulho feminino ferido não vira o sofrimento dele e seu egoísmo de amante somente enxergou fraqueza no que era abnegação. Ele, entretanto, embora nunca mais a vira, continuara a amando com a mesma força, no silêncio, na resignação e na dor. E agora aquela fúnebre notícia lhe apunhalava a alma.

Era noite quando parou de chorar. Se levantou, cambaleando, pôs o chapéu e saiu. Atravessou as ruas semi-desertas como uma sombra, a lágrima ainda pingando dos olhos muito abertos.

Às nove horas estava na plataforma da estação, examinando, uma a uma, as passageiras do noturno, que iam chegando. Nada de Hilda aparecer. Nada! O trem partiu sem ela. Então um carregador, que o acompanhava com uma grande caixa no ombro, perguntou:

— Onde o senhor doutor quer que ponha a encomenda?

— Chames um táxi e a ponhas dentro.

No auto, Roberto Martins sentiu os olhos enxutos. O pulso batia febril. Atirou um endereço ao motorista e um quarto de hora mais tarde saltava à porta dum bangalô, no Leme.

— Dona Hilda está? — Perguntou à criada que atendeu ao toque da campainha.

— Está, sim, senhor.

— Faças favor de a chamar. É um recado pessoal e urgente.

Hilda Noronha veio ao terraço. Era moça, esbelta e tinha cabelo negro e ondulado. Estendeu a mão esguia.

— Ó! Roberto, como vais?

E, reparando a fisionomia demudada, os olhos avermelhados:

— O que aconteceu?

— Hilda, — indagou, abruptamente — foste quem me telefonou, dizendo que Beatriz falecera em São Paulo?

—Eu!? Não! Que brincadeira de mau-gosto!

— Então não foste tu?

Contou o que ocorrera e ela disse:

— Ora, que pilhéria! Pois ainda nesta tarde tomei chá com Beatriz, que já voltou de São Paulo e está em casa. Falamos até a teu respeito. Bem, já se vê…

Roberto Martins se despediu e mandou tocar o carro a Botafogo. Desceu à porta dum palacete da rua Bambina e fez um sinal ao chofer pra carregar a caixa. À luz dum poste de iluminação, escreveu algumas palavras num cartão de visita. Abriu a grade do jardim, entrou e tocou a sineta da porta. Apareceu uma mulatinha de avental rendado e touca.

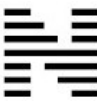
— Dona Beatriz está?

— Está.

— Faças o favor de entregar esta encomenda e este bilhete. Obrigado.

E partiu.

Beatriz entrava na sala de jantar quando tudo foi entregue. Leu o cartão com o lábio sensual franzido de despeito. Rezava assim:

Deus te pague o sofrimento que hoje me causaste! Me pouparás o de amanhã, quando morreres mesmo, de verdade.

Atirou o cartão sobre a mesa e, nervosamente, abriu, com as finas e pálidas mãos de unhas brunidas, a caixa que a criada colocara em cima duma cadeira. Dentro, havia uma lindíssima coroa de defunto, com este dístico dourado na fita negra:

Eterna saudade de Roberto

A moça de Quieve

I

Naquela fria manhã de dezembro os dois renques de altas e negras casas da Perspectiva Nevski se recortavam no fundo cinzento do céu de inverno. A grande avenida se alongava, coberta por alva e espessa camada de neve, varrida por um ventinho sutil e constante. Raros transeuntes e um silêncio profundo.

Tão diversa doutros movimentados invernos a bela Perspectiva quando a enchia ruidosa multidão, e nela se acotovelavam estrangeiros de toda procedência e russos de todo matiz. Então, ali se viam as mais altas damas da corte imperial em seus cavalos de preço, filhos dos trotadores célebres de Orlof, os oficiais fidalgos da guarda. Ainda, em luxuosa equipagem os mais nobres boiardos moscovitas e os mais ricos burgueses da capital. Entre a gente que enchia os passeios, militares de toda espécie, os bonés redondos dos estudantes, as faces vulpinas dos mercadores de Perm e de Oremburgo, marujos de Kronstadt e de Viborgue, costureiras das províncias bálticas, turistas ingleses empunhando *kodaks*, narizes aduncos de israelitas, barretes de pêlo de transcaucásicos, um, ou outro fez rubro de turco, e os lentos, barbudos popes e arquirnandritas, que pareciam ressuscitados de Bizâncio.

Naquela cidade européia setentrional a bizarra mescla de fisionomia, fala, traje, coisa e hábito medieval, eslavos, asiáticos e bizantinos formavam tão curioso contraste com as últimas modas de Paris e os últimos progressos da civilização que nada era mais interessante de se ver e de se observar. E as lojas, os cafés, os restaurantes, os botequins regurgitando de gente, as vitrinas luxuosas refulgindo, todo um rumor de colméia humana enchendo de vida a grande artéria urbana. Tróicas[21] e trenós deslizavam sobre a neve endurecida. As mulheres se cobriam de pele valiosa: Marta, lontra, castor, opossum, zibelina, raposa azul. Amplos capotes grises, de felpudas golas, cobriam os dourados oficiais, e raros chapéus de feltro, ou cartolas, se viam entre os inúmeros colbaques e talpaques de lã de carneiro, ou de pêlo canino.

Nesse inverno nada disso. Na manhã fria de dezembro, o silêncio descia como um véu mais frio ainda. A Perspectiva, quase deserta, parecia muito maior. Lojas e cafés, na maioria, fechados e das ruas transversais ninguém desembocava.

Por quê?

Reinava o terror em Petersburgo. Após um rol imenso de vergonheira e derrota, se fizera a paz com o Japão. A condição miserável do operariado das cidades, dos pequenos empregados e dos mujiques de vários governos impeliram as classes populares a manifestações rueiras, ardentes, tumultuosas e desvairadas, de acordo com a mentalidade russa. E, como sempre, as patas dos cavalos da guarda imperial se embeberam no sangue do povo.

Mas o pior é que sua majestade, o czar de todas as rússias, mandara buscar, num trem expresso, em Cazã a Turca,[22] general Demétrio Estrakenz Danilovitch e o nomeara governador militar da capital. Então o frio do terror foi maior que o do inverno. Todas as consciências se anuviaram, todas as bocas se aferrolharam, todos os corações se confrangeram e não houve mais uma face de habitante que não estivesse constantemente pálida. General Estrakenz era o comandante dos cossacos, quirguizes da grande horda,

---

[21] *Tróica* - Trio de cavalos atrelados a um trenó ou a uma carruagem. Nota do digitalizador

[22] *Cazã* (tártaro: *Qazan*, Казан; russo: Казань [*Kazan*]) é a capital e a maior cidade da república do Tartaristão, Rússia. Fica na confluência dos rios Volga (Idel) e Kazanka (Qazansu). Nota do digitalizador. Extraído de http://pt.wikipedia.org/

espécie de Átila em miniatura, lobo da estepe que o governo desaçaimava[23] contra as populações inimigas, ou rebeldes. Fora quem ordenara a fria chacina de três tribos inteiras de calmucos, aprisionados por banditismo; quem incendiara metade de Cazã, pra reprimir pequena sublevação; quem se encarregara de acabar os feridos japoneses nos campos do Iálu; quem deixara as fronteiras do Turquestão sem arbusto em pé; quem dizimara a população da Jórgia; quem exterminara os chechengues e violara, uma a uma, todas as mulheres asiladas numa estupa[24] budista da Manchúria, durante a última guerra?

As ordens que dera e rigorosamente se cumpriam foram, logo de entrada, terríveis. As casas estavam fechadas, pra evitar que os esbirros, pretextando nesta ou naquela, terem visto entrar um vulto suspeito, lhe dessem busca minuciosa, de que saíam com os bolsos recheados, após quebrar de propósito, por malvadez, dois, ou três dos melhores objetos. A maioria dos cafés cerrara as portas por falta de consumidor. Não queriam ser, imprevistamente, obrigados a mostrar papel, a dar explicação de procedência e destino, sofrendo, além do vexame, injúria dos beleguins escolhidos a dedo nas mais baixas camadas sociais. Nas vias públicas somente andava quem se não podia eximir à obrigação, pois em cada esquina uma patrulha semi-bêbeda apalpava e rebuscava homens e mulheres, de modo brutal, saindo dessa violência o pacato transeunte sempre sem jóia, carteira, gravata ou o próprio lenço. Avidez de gavião? E ressoava, constantemente, na neve dura, o lento, solene tropear dos piquetes de cavalaria.

Hirtos nas selas dos cavalos pequenos e peludos, os cossacos moviam a todos os lados o olhar investigador, cruel e frio como o das feras, barbas ruivas varrendo o largo peito, as barretinas de lã preta carregadas sobre o cenho franzido, ombros salpicados de neve, a clavina engatilhada de encontro à coxa e a lança aguda, presa pelo fiel de couro nas costas. Ao lado, os ecsduls, de mãos enluvadas em camurça castanha, pousadas na coronha do revólver saliente do cinturão e com as agulhetas prateadas do posto luzindo sobre o couro e o metal das cartucheiras, no alto do peito. Iam e vinham com hierática lentidão, na vasta Perspectiva, deserta como suas estepes, sob as silenciosas plumas de neve que caíam. E, às vezes, se imobilizavam, ao longe, numa esquina, sob os lumes das lanças, diluídos no nevoeiro, como a guarda avançada dos hunos, outrora, ao entrar numa cidade civilizada.

Um ranger de ferragem pesada ecoou na avenida triste. Se abriu metade do grande portão do banco Imperial e dele saíram três militares: General Estrakenz, envolto em ampla peliça e dois ajudantes de ordem. Era um homem alto, aparentando 50 anos, robusto, ligeiramente curvado, braços longos, unhas aduncas, olhar de tigre sob as sobrancelhas espessas, nariz curto fartas suíças grisalhas. Um dos ajudantes, muito moço, ostentava o brilhante uniforme de tenente dos hussares de Grodno, e pousava nas coisas e nas pessoas um olhar azul, de sonho, um tanto cansado, um tanto indiferente. O outro era capitão dos cossacos do Dom, devia orçar em trinta e dois anos e sorria, perversamente, com face de fuinha.

Os vendo, dois granadeiros embuçados, de pé na esquina próxima, se perfilaram. Os superiores caminharam, devagar, ao lado contrário. Uma tróica, atrelada a três cavalos cobertos de guizeira, detida em frente ao banco, começou a os acompanhar lentamente. E os dois soldados os seguiram no meio da rua.

---

[23] **Açaime** - aparelho de couro ou metal que se põe no focinho dos animais pra não morderem. **Açaimar** - figurado Fazer calar, refrear, subjugar. Nota do digitalizador. Extraído de http://www.infopedia.pt/

[24] **Estupa** é um tipo de arquitetura budista e jainista feita pra conter relíquia. Provavelmente deriva dos antigos túmulos funerários. Se estende em todo o sudeste asiático. Nalguns países se chama *chedi* e noutros países (como Ceilão) *dagoba*. Nota do digitalizador. Extraído de http://pt.wikilingue.com/es/

O governador ia silencioso, o charuto esquecido no canto dos lábios. Os ajudantes se distanciaram um pouco dele, diminuindo o passo, e começaram a conversar. Disse o mais moço:

— Conde Ignatief, é curioso como, depois de velho, o general deu pra se apaixonar. Mal acaba de obter aquela loura costureira da Livônia, cujo marido está trabalhando honradamente nas minas de cobre dos Urais, e começa a freqüentar o banco Imperial, sob repetidos pretextos, a fim de olhar aquela linda caixeira de tão raros e rasgados olhos negros.

Mal findou, com a voz irônica, já o outro lhe retorquia:

— Tenente Vassíli Petrovitch, se queres chegar cedo a capitão, nunca vejas o que fazem, não ouças o que dizem nem procures adivinhar o que pretendem teus chefes.

O tenente sorriu, com pouco caso, e prosseguiu:

— Pode ser que tenha razão mas não me posso esquivar de admirar o ardor amoroso do triunfador dos chechengues.

— Admires calado. É um conselho de amigo, oferecido de boa vontade por quem pouco aconselha aos outros. E, sobretudo, não cuides de defender alguém ameaçado de cair nas garras dos milhares que cercam a águia imperial.

— Não pensei que soubesse ter sido eu quem deu meio de fuga à mulher de Krasnoe, raptada há quinze dias. Gosto, às vezes, por devaneio, de impedir crime e talvez não chegue a capitão por ter de partir à Sibéria, ou à *outra vida*. Tu, conde Ignatief, acabarás general e, decerto, grão-duque. Sigas outro trilho, mais proveitoso.

Ignatief mordeu os lábios. O general ia mais longe, com o charuto esquecido, remoendo pensamento. O capitão falou:

— Não me dói tua ironia, tenente. Sou um homem prático. Pra mim nada vale a honra das mulheres do povo. Mesmo a das outras mulheres. Conheço duquesas que mercadejam diariamente a sua aos cortesãos de Peterhof, e, me diz a história, que czarinas desceram à tarimba dos cossacos e as filhas de Fedor dormiram com os estrelitz do Crêmilim. Faço o que se deve fazer sempre na Santa Rússia: Ver, ouvir, calar e aproveitar. Aproveitarei, pois, o favor de Demétrio Estrakenz, que foi do estado-maior do grão-duque Sérgio, fez parte da comissão geral de fornecimento e tem nas mãos grande poder porque tem na memória grandes segredos.

— Segredos e poderes que somente durarão até quando povo quiser. Aproveites o vento de feição e o momento, conde.

— És niilista?, tenente.

— Não, capitão. Talvez profeta. Vejo aonde iremos parar, mais cedo, ou mais tarde.
— E te alegras com isso?

— Não. A anarquia vingadora do povo vencedor e despeiado será, um dia, pior que a tirania dos autocratas. Porém é fatal.

Nisto, Estrakenz parava numa esquina e se voltava subitamente. Os ajudantes apressaram o passo até se aproximarem de novo. Os granadeiros ficaram a certa distância; a tróica guizalhante também. Da porta do banco Imperial saíam grupos de empregados, que seguiam rumo às ruas transversais. Um vulto de mulher, todo de escuro, subiu apressadamente a Perspectiva Nevski.

Era uma moça duns vinte anos, clara, de olhos e cabelo negros, esbelta e formosa. Quando se aproximou dos oficiais, baixou os olhos e diminuiu o passo, com receio. O olhar ardente do general acompanhava o movimento. Fez rápido sinal às ordenanças. Os granadeiros correram e a seguraram pelos braços. Ela parou, sem voz, arfando, olhos dilatados de espanto. Estrakenz sorriu, cinicamente, e disse aos ajudantes:

— Vos mostrarei como os agentes de polícia devem dar busca em plena rua, nas mulheres.

E, após ligeira pausa:

— Quase todas levam arma, bilhete e bomba aos maridos, pais, irmãos, noivos e, sobretudo, amantes.

Chegou à moça e perguntou:

— Como te chamas?

E ela, a voz sumida:

— Nádia Valovski.

— Russa?

— De Quieve.

Ela baixou mais a cabeça. Estrakenz começou a apalpar a roupa com outros intuitos que não os de achar documento ou arma. A jovem empalidecia, sem movimento de recusa àquele ultraje, como impassível. O general murmurou uma ordem. Os soldados a largaram. Então a mão branca e fina se ergueu no ar e uma bofetada estalou na dura face de Demétrio Danilovitch!

A moça desatou a correr, como louca, numa rua próxima e o governador militar de Petersburgo deteve, com um gesto, os granadeiros que a perseguiriam. Depois, chamou ao pé de si conde Ignatief, passou o braço por cima do ombro e segredou:

— Podes transformar teu colbaque de capitão de cossaco no capacete dourado de major de couraceiro da guarda e ver brilhar no peito a cruz de Santa Ana ou a de São Valdomiro. Descubras onde vive e tragas a mim, na noite, essa mulher!

Ignatief fez que sim com a cabeça. Na esquina, Vassíli Petrovitch, imóvel, deixava o olhar azul e sonhador vagar no cinzeiro do espaço.

A tróica encostou o estribo ao passeio. Os três subiram. Os granadeiros se agarraram à traseira. O *iemschick* fez estalar o longo pinguelim[25] e os cavalos fogosos galoparam, bufando. O retilintar dos guizos atravessou a Perspectiva e se perdeu ao longe.

II

Nádia entrara em casa, na pequena rua de Vologda, após subir a escada de quatro andares, mais morta que viva. Morava com o pai e o irmão, que era bateleiro no porto. O velho fora uma das vítimas da guerra contra os turcos e escondera a miséria e invalidez naquele bairro humilde. Lhe faltavam o braço direito e o pé esquerdo. Viúvo, criara, com muita dificuldade, os dois filhos.

Nádia conteve o sobressalto mas, notado assim mesmo, se referiu a um susto, na rua. Quase fora apanhada, ao dobrar uma esquina, pela parelha, em disparada, dum trenó oficial. Se puseram à mesa, pra jantar. Sacha, o irmão, falou dos boatos duma rebeldia de marinheiro na esquadra do mar Negro. A polícia prendia, nas ruas, quem a eles se referia. Havia espião em toda parte, mesmo dentro de cada casa. Crescia o terror. Nádia o escutava sem comer. Sacha perguntou:

— O que tens?

— Nada. O susto me fez mal.

E de olhos perdidos no espaço via a cena de sua audácia: A mão branca erguida no ar, o estalo da bofetada na face asquerosa do monstro, o espanto dos oficiais e seu vulto fugindo rua afora. No fundo se sentia um tanto orgulhosa. A emoção fez correr lágrima na face. Escondeu o rosto nas mãos. Pai e irmão se ergueram, a animaram, indagando do que acontecera, em verdade, do que tinha. E ela não se conteve mais, explodiu, contou tudo. Debruçada sobre a mesa, soluçando, gritou:

— Estou perdida! Estamos todos perdidos! Os deitei a perder. Esbofeteei, em plena

---

[25] *Pinguelim, pingalim* - Chicote comprido e fino, pra incitar cavalo (Origem: de bengalim, diminutivo de bengala?). Nota do digitalizador. Extraído de http://www.infopedia.pt/

Perspectiva, o governador militar de Petersburgo!

Sacha, lívido, lhe tapou a boca com as mãos. O velho, curvado a ela, murmurava, dolorosamente:

— Minha filha! Minha pobre filha!

E o bateleiro, estufando o peito varonil, exclamou:

— Pai, ela foi digna de ti!

O velho lhe caiu nos braços.

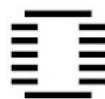
Nisso, forte pancada na porta. Sacha correu o ferrolho e os batentes se escancararam. No limiar, luziram baionetas e, entre elas, sorria, diabolicamente, a face vulpina de conde Ignatief. Seu olhar perscrutador observou, um a um, as três personagens daquele quadro. Depois, percorreu o pequeno aposento, Sorriu outra vez, lentamente, e, apontando Nádia, assombrada, ordenou:

— Levem aquela mulher!

Sacha deu um passo a ele mas logo o aposento se enchera de soldado. Dois tolheram seu movimento. Outros atiraram o pobre velho a um canto, brutalmente. A moça alteou o busto, envolveu a cabeça num xale espesso e disse adeus com o olhar ao pai e ao irmão, sem dar palavra, rodeada de baioneta.

Quando ficaram sós, Sacha bateu com o punho fechado na mesa e disse:

— Pai, eu matarei Estrakenz e esse oficial!

III

O gabinete do general Demétrio Estrakenz Danilovitch ficava no ângulo do quartel do regimento Preobadjenski, que dava à ruas mais desertas da capital. Gostava da discrição, do silêncio e da segurança. Eis por que instalara a sede do governo militar numa caserna. Era uma ampla sala forrada de veludo azul. No centro, vasta secretária com o busto de bronze de Nicolau II sobre o grande tinteiro de mármore verde. Nas paredes fotografias de generais e grão-duques, esmaltadas de cruzes. No alto das portas panóplias cheias de sabres cossacos, punhais e circassianos. Entre elas um quadro a óleo: *A batalha de Geok-Tepó*, dominada pela figura central de Skobelef montado num cavalo branco. E, sob o quadro, um largo divã escarlate, franjado de ouro.

Noite. Sobre a chaminé brilhando dois castiçais de prata carregados de vela. O general, estendido no divã, fumando. Bateram, discretamente, à porta.

— Entres!

Um vulto militar se perfilou na penumbra dum reposteiro, com um retinir argentino de espora.

— Conde Ingnatief?

— sim, meu general.

Demétrio Estrakenz se levantou. Cofiando as suíças, se dirigiu ao ajudante, bateu no ombro e, baixinho:

— Então

— A trouxe.

— Major, a tragas e ordenes que ninguém, seja qual for o motivo, perturbe meu sossego.

O capitão de cossaco rodaria sobre os calcanhares. O general o deteve com um gesto:

— Ordenes mais, cavalheiro de São Valdomiro, que não atendam a quem quer que seja no telefone de meu gabinete.

— Sem exceção?

— Á! Não. Salvo se for do palácio imperial.

Estrakenz ficou só. Aquela mulher que o esbofeteara em plena rua o atraía como um abismo. Em toda sua vida de ave-de-rapina fora o único gesto de revolta que repelira

suas garras. Que mulher! Um estremecimento percorreu o corpo todo o dominou com um encolher de ombros. Foi a uma janela e acertou as pesadas cortinas. Parou diante da chaminé e, uma a uma, soprou, apagando as quinze velas dum dos castiçais. Doce penumbra envolveu o gabinete. Se voltou à porta, esperando, os olhos luziam como gato.

A porta rodou nas dobradiças e alguém empurrou uma mulher ao aposento. Depois o batente se fechou, quase silenciosamente. Estrakenz avançou, pelas mãos tomou o vulto surpreso e trêmulo, o trazendo à luz do único castiçal aceso. Ao clarão das velas aquele rosto pálido, de negros olhos dilatados, tinha uma beleza nova, muito tentadora. O velho general prendeu com a mão direita as duas frágeis mãos da moça, com a esquerda puxou a cabeça pela nuca e encostou os lábios nos dela. Nádia se desvencilhou com um safanão brusco e correu a se refugiar num canto. Ele concertou a gola da túnica e a seguiu. Lentamente disse:

— Pra que e por que me repeles? Estás em meu poder e serás minha, haja o que houver, embora tenha de mandar te amarrar. Se cederes te darei tudo o que quiseres. Se não, mandarei teu irmão às minas da Sibéria e guardarei teu velho pai num desses subterrâneos que se afundam sob o Neva e dos quais nunca alguém saiu, vivo ou morto! Escolhas.

Ela não dava palavra e, instintivamente, recuava, recuava cada vez mais, até se encostar à parede, se colando a ela como se pudesse atravessar de lado a lado naquele esforço. E as aduncas, ávidas mãos do general a procuravam. Ela se encolhia, se encolhia diante delas. A alcançariam, segurar, violentar, quando a campainha do telefone retiniu, encheu o aposento lúgubre com o som claro e apressado. O general se deteve e a campainha, insistente, não descontinuou. Então, lento e aborrecido, voltou as costas a Nádia, se sentou numa cadeira, se curvou à vasta secretária e pôs o fone ao ouvido. Ela lhe via as costas sobre a qual batia a luz do grande castiçal, e ouvia:

— Alô?... Alô?... É o gabinete do governador militar, sim. Quem chama? Á! Do gabinete de sua majestade. Pois não. É o próprio general Estrakenz quem está ao aparelho.

Nádia dera um salto do canto onde se encurralara, numa inspiração louca, e erguera na mão o castiçal cheio de velas acesas. Ao movimento da luz, o general se voltou repentinamente. Mas uma forte pancada na cabeça o fez cambalear, cair a um lado, surdamente. A violência do choque apagou as luzes e todo o vasto gabinete ficou envolto em profunda escuridão. Nádia, mordendo os lábios pra não gritar, começou a apalpar as paredes, buscando os fechos duma porta. Tocou num reposteiro. Mão forte de homem a segurou. Ia soltar um grito. Outra mão lhe tapou a boca e uma voz lhe segredou ao ouvido:

— Silêncio! Venhas. Sou teu amigo.

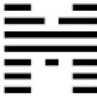
Se deixou guiar, quase inconscientemente, por uma escada em caracol, na mais completa escuridão. Em baixo, num recinto úmido, cheirando a mofo, a mão guiadora a largou. Ouviu um ranger de chave na fechadura. Se abriu pequenina porta, se fez luz e Nádia viu, maravilhada, a rua deserta, fracamente iluminada por um lampião a gás. Diante dela um oficial envolto em pesado capote, cujo capuz impedia de ver a feição. A levou até o passeio, junto ao qual havia pequena tróica parada. A embarcou nela, a cobriu cum manto de pele e disse ao cocheiro:

— Ferko, a todo galope, aonde sabes.

Nádia se debruçou a ele, implorando:

— Teu nome, senhor, teu nome!?

— Não tenho nome. Vás com Deus!

A tróica partiu como um relâmpago, sem rumor de guizo. Ele acendeu um cigarro,

lançou duas ou três baforadas ao ar gelado da noite e monologou:

— Ana Petrovna ficará muito espantada, em sua terra feudal de Vorasgnetz, ao receber mais esta hóspede. É a segunda que envio em mês e meio. Minha mãe me conhece bem e, como sabes que não faço coleção de mulher, há de pressentir, por força, que sou uma espécie de anjo bom acompanhando o demônio. Que lucro tiras disso? Me perguntar esse pobre conde Ignatief. Sentir que sou diferente dos outros e capaz de fazer um romance de aventuras como Gogol não imaginaria.

Atirou o cigarro fora, entrou, fechou a porta. E, nos degraus da íngreme, negra escada em caracol, subiram ao gabinete do governador militar os passos calmos do tenente Vassíli Petrovitch.

IV

Madrugada. O temporal brame, uiva, rosna e ladra no espaço. É o diabo Ljeschi,[26] que anda solto, diz o povo crédulo. A neve redemoinha de encontro às negras fachadas das casas. Ninguém se arrisca nas ruas batidas de vento e saraiva. Partindo dos altos muros da fortaleza Petropaulovski, gritos esganiçados de sentinelas soluçam no ar. No interior do pequeno aposento da rua de Vologda, vela uma lâmpada a petróleo, iluminando, no silêncio, somente perturbado pelo ronronar da água fervendo no samovar,[27] os rostos ansiosos de Sacha e seu velho pai. Não trocam palavra mas seus olhos mutuamente se interrogam e pousam, de instante a instante, no mostrador do relógio.

Três horas… Três horas e um quarto… Três horas e meia… E os quatro olhos seguiam os ponteiros lentos... Três horas e quarenta e cinco... Bateram apressadamente à porta. Estavam tão absortos que não ouviram os passos subindo a escada. Continuam batendo. Pai e filho se ergueram, angustiados e esperançosos ao mesmo tempo. Talvez cossacos, a fim de os levarem presos. Mas talvez Nádia, milagrosamente salva! Esse último pensamento dominou a alma do moço, que se dirigiu à porta, trôpego de emoção.

A pessoa cessou de bater, porém embaixo do batente enfiou um papel dobrado. O apanhou e ouviu passos rápidos descendo os degraus. Pai e filho se aproximaram avidamente da lâmpada e abriram, a sua luz, o bilhete misterioso. Leram:

Segredo! Nádia foi salva a tempo e está em lugar seguro. Paciência e silêncio. Dentro de um mês a procurai em casa de Ana Petrovna, na terra feudal de Vorasgnetz, a 20 verstas[28] de Petersburgo, na estrada de Moscou.

Um amigo

— Ana Petrovna! Quem será Ana Petrovna? — Murmurou o velho, com os olhos cheios dágua. E o filho, erguendo dois dedos no ar:

— Deus te proteja e te abençoe, Ana Petrovna!

V

[26] Ljeschi é a versão eslava do sátiro e do fauno. O nome da criatura é derivado de *ljes* (*floresta*). A aparência do ljeschi é idêntica à do sátiro e do fauno, embora o ljeschi possa alterar seu tamanho à vontade. Quando caminha no bosque é tão alto quanto as árvores. Quando caminha nos prados não é mais alto que a grama. Alguns são tanto espíritos do milho quanto da madeira. Antes da colheita têm o mesmo tamanho dum pé de milho, depois encolhem ao tamanho do restolho. (verbete de Micha F. Lindemans) Nota do digitalizador. Extraído de http://www.pantheon.org/

[27] *Samovar* - Utensílio de cobre ou latão, de origem russa, com o qual se aquece água pra preparar o chá e que tem uma pequena fornalha de carvão vegetal (do russo samowar, que ferve por si próprio, pelo francês samovar) (http://www.infopedia.pt/). No Brasil é conhecido como fogareiro e se usa álcool ou outro combustível líquido. Nota do digitalizador.

[28] 1 versta = 1067m, 20 verstas = 21340m ~21km. Nota do digitalizador

Um correio agaloado do paço Imperial se apeou à uma hora da madrugada no portão do quartel Preobadjenski, que servia ao gabinete do governador militar. Subiu ligeiro a escada e pediu pra falar, com urgência, ao general. O levaram à presença do ajudante de serviço, conde Ignatief. Lhe disse o correio que à meia noite sua majestade, o czar, precisara dar algumas ordens pessoais ao governador. O ajudante de campo em serviço ligara o telefone e, quando verificara que era o próprio Demétrio Danilovitch quem falava, subitamente o aparelho fora abandonado, ouvira alguns rumores vagos e não conseguira mais a ligação. Então, no paço se esperara qualquer recado. Como tardasse, vinha indagar o que havia. Ignatief respondeu que Estrakenz, desejando estar só, pra estudar relatórios muito importantes da polícia, recomendara que ninguém o incomodasse e somente atendesse telefonema da casa imperial. Entretanto, achara demorado o isolamento, estranhou o que se passara ao telefone e veria o que havia.

Seguiu em longo corredor e sumiu numa porta, no fundo. Pela passagem secreta que servira aos nobres desígnios de Vassíli Petrovitch, penetrou no gabinete. Uma das janelas que deitava à rua estava aberta de par-a-par, inundando o aposento de luz e frio. Se aproximou dela e viu que, fora, pendida uma corda feita com quatro ou cinco braçadeiras de cortinas amarradas umas às outras. O frio reanimara Estrakenz. Se arrastara até o divã, onde se estendera, gemendo, e seu sangue manchava o tapete.

Chamou, baixinho, o capitão. Ignatief se curvou a ele.

— Foi ela, conde, ela! Com o castiçal, pelas costas, quanto eu falava ao telefone. Deve ter fugido pela janela, depois. Que mulher! Que mulher! Cada vez desejo mais a possuir, seja a que preço for! Há de ser minha! Ponhas o castiçal no lugar. Digas que tive uma sincope, inventes qualquer cousa e telefone ao paço Imperial, explicando o acidente. Mandes a perseguir.

E Demétrio Danilovitch desmaiou de novo. Ignatief abriu a porta, deu todas as providências que o caso exigia e, chamando o correio agaloado, lhe falou:

— Sua Excelência, general Estrakenz, ao falar ao telefone, se sentiu subitamente mal. Teve uma síncope e, ao cair, feriu a cabeça no canto da mesa. Eis por que o aparelho ficou desligado. Não é algo grave e, dentro de duas, três horas, logo que melhorar, falará diretamente com sua majestade.

O correio fez continência e partiu. Ignatief acendeu um cigarro e voltou ao gabinete, pensando, a meia-voz:

— Tenho certeza de que Vassíli Petrovitch foi quem preveniu a mulher de Krasnoe de que seria raptada, a salvando, porque somente nós dois sabíamos da decisão do general e a não preveni. Mas teria sido o autor deste novo feito? Não creio. Seria audácia demasiada. E que fins deseja alcançar esse estranho rapaz? Á! Sei bem que, se não fosse recomendação muito especial do grão-duque Aleixo, Demétrio Danilovitch não o chamaria a seu estado-maior. Não! Não pode ter sido ele! A rapariga é que é perigosa. Capaz duma bofetada, em plena rua, num general! Que mulher! Não compreendo a paixão de Estrakenz. Prefiro as mulheres que não causam embaraço.

Daí a pouco o conde batia à porta do quarto do tenente. Havia luz dentro. Vassíli gritou:

— Entres!

Ignatief empurrou a porta. De roupão, estendido num divã, o outro lia. Marcou a página com uma faquinha de marfim e pôs o volume sobre a mesa. Seus calmos olhos azuis demoraram nas pupilas miúdas e furta-cores do conde.

— A que devo o prazer desta visita?, capitão.

— Não é visita de prazer, tenente, mas de dever.

E, cavalgando uma cadeira, lhe contou o que se passara: A história da síncope e a

história da moça. Ao terminar, disse:

— Escolhas, tenente, uma das versões. Qual preferes?

— Nenhuma. Talvez ambas sejam mentirosas.

— Então, se sirva tomar a do ajudante-de-ordem filantropo, que fere seu general pelas costas e conduz a mulher amada numa escadinha secreta. Creio que não é má.

— Talvez também seja mentirosa. Nunca se sabe a verdade.

E, muito calmo, Vassíli Petrovitch se levantou, murmurou um breve *com licença* e começou a se fardar. O conde apanhou o volume que ele lia e o abriu no lugar marcado. Rosnou lentamente:

— *Comédias e provérbios*, de Musset, *Lorenzaccio*, ato VII, cena V… Este rapaz acabará mal… Prevenirei Demétrio Danilovitch…

Quando o tenente acabou de abotoar o dólmã o conde lhe apontou o livro:

— Lorenzaccio matou um duque de Florença e os florentinos elegeram outro…

O olhar azul de Vassíli Petrovitch o mediu de alto abaixo. Depois, franziu os lábios, deu de ombros e retrucou:

— Mas Lorenzaccio agiu…

VI

Estrakenz, com a cabeça envolta numa tira de pano branco, começava a almoçar sozinho em seu aposento particular quando um lacaio anunciou conde Ignatief.

— Faças entrar.

O ajudante parou, respeitosamente, a certa distância e o general fez um gesto familiar, pra que se sentasse em sua frente e almoçasse. No decorrer da refeição, desfiou o rosário das providências que tomara e das novas que soubera. Dois agentes de confiança inquiriram o pai e o irmão de Nádia. Estavam tão calmamente alheios aos fatos que julgara acertado os deixar em paz. A sentinela da porta lateral do quartel não vira alguém descendo, por uma corda, dalguma janela, mas vira passar uma tróica a toda brida, com um vulto de mulher dentro, vinda da parte do quartel deixada sem vigilância na altura de seus muros, justamente aquela aonde dava a saída da passagem secreta. Vassíli Petrovitch fora visto, um pouco depois do acontecimento, fora da sede do governo militar, apesar da horrível tempestade que se desencadeara. E, se aproximando mais do chefe, o vulpino ajudante começou a dizer o que pensava de seu colega.

A face de Estrakenz exprimia o medo de quem sente uma víbora alojada no seio e não a pode arrancar depressa. Ignatief falou dos maus conselhos de Lorenzaccio. E sua ignorância formidável de general moscovita logo replicou:

— Quem é esse sujeito ? Mandes o prender já!

O conde foi obrigado a contar o entrecho da peça de Musset. E, concluído isso, concordaram em que tudo quanto se desconfiava seria reunido e devidamente comentado num relatório policial, que, na noite, Demétrio Danilovitch mostraria ao czar, lhe enegrecendo mais as cores, a fim de mandar prender Vassíli na manhã seguinte. Era protegido do grão-duque Aleixo e nada se podia fazer contra ele do pé à mão sem justificado motivo.

— Amanhã na manhã haverá a revista mensal da cavalaria da guarnição, passada por vossa excelência, no campo de Tsarkoe-Selo.

— Logo que nos apearmos, de volta, a ordem de prisão deve estar aqui e o prenderás. Vás, imediatamente, à fortaleza de Kronstadt e, em meu nome, narres tudo quanto me contaste a meu amigo coronel Kamatchef, seu comandante, que é da privança do grão-duque Aleixo e pode obter de sua Alteza se desinteressar por meu excelente ajudante. Então tudo será facílimo. Não chames atenção. Vistas um capote sem galão e tomes um escaler qualquer do porto. Nada de lanchas oficiais. Poderá desconfiar e se precaver.

Ignatief engoliu apressadamente uma chicana de chá e um cálice de *kümmel*.[29] De pé, bateu, com os tacões das botas, na posição de sentido:

— Pronto!, meu general.

Ao se dirigir à porta, novamente explodiu a crassa ignorância do general mantenedor da ordem pública na capital do czar:

— Não esqueças dar ordens severas à polícia pra anotar nome e sinais desse poeta francês Alfredo de Musset, a fim de o prender no dia em que ousar desembarcar em porto russo ou transpor nossas fronteiras.

O conde sorriu ligeiramente, fez a continência e saiu. Estrakenz ordenou ao criado:

— Mandes entrar Matias Sakarof.

Entre os reposteiros surgiu a face pálida dum homem, todo ele adunco: Queixo, nariz, mãos, enrolado numa peliça castanha. Ficou de pé, no meio da sala, impassível, a gorra de lontra entre os dedos imóveis. Demétrio Danilovitch indagou:

— Ouviste tudo?

— Ouvi.

A voz era lenta, áspera, desagradável:

— O conde Ignatief tem razão e vos serve bem, se o pagardes bem. Podeis confiar nele por ora.

— De Nádia o que sabes?

— Nada. Se apagaram os vestígios da tróica nas últimas ruas da cidade, ao norte. Talvez fosse a direção tomada pra nos fazer perder a pista. Examinei a escada em caracol. Há rastro com neve, como dalguém que tenha vindo de fora e subido ao gabinete.

— Só?

— Só.

— Podes ir.

VII

O porto de Petersburgo, naquele ponto, estava deserto. Ao longo do cais, navios amarrados, silenciosos. Sobre a água, boiando, grandes pedaços de gelo. O sol triste do inverno olhava as coisas. Um nevoeiro pesado se erguia ao longe, no mar, tapando o vulto brutal da fortaleza de Kronstadt, esbatendo perfis distantes de couraçados. E o vento norte soprava com insistência. Ignatief relanceou o olhar naquela desolação. Um bateleiro moço, que o seguia a curta distancia, se acercou e perguntou, respeitosamente:

—Vossa excelência precisa, porventura, de meu serviço?

O conde o observou. Parecia já ter visto aquela fisionomia. Mas onde? Não se recordava. Tornou a examinar o cais. Ninguém. Então se decidiu:

— Tens um barco?

— Sim, Excelência. E veloz. Sou bom remador.

Ambos desceram lodosa escada de pedra.

Na plataforma inferior do molhe, o oficial parou um instante, enquanto o outro

---

[29] Kümmel - Licor holandês elaborado a partir de semente de cominho. Teor alcoólico 23% vol. (http://www.drinksebar.com/) Kümmel - Palavra alemã também usada no Brasil pra descrever a alcaravia (alguns a identificam ao cominho), cujas sementes são utilizadas em pão, bolo, biscoito e queijo. Na Alemanha são também utilizadas em pratos salgados com repolho. Sabor adocicado e picante. (http://cybercook.terra.com.br/glossario) Nota do digitalizador.

puxava pequeno bote e o encostava ao respaldo da cantaria. Embarcou. O homem segurou a palamenta[30] e perguntou:

— Aonde iremos?

— À fortaleza de Kronstadt o mais depressa possível!

Se fizeram ao largo. Ignatief admirava a robusta compleição do remador, que imprimia ao barco uma assombrosa rapidez, evitando, com grande perícia, os blocos de gelo. No meio da baía o barqueiro largou os punhos dos remos e ficou de pé, o rosto contraído, ameaçador. O conde, espantado, olhou em derredor. Silêncio profundo, quebrado somente pelo murmurejar da água no casco da embarcação, ou nos fragmentos da partida crosta de gelo. A bruma espessa avançando, avançando. Já se não viam os perfis dos couraçados e o vulto da fortaleza. E, sozinho diante daquele rude homem do povo, o astuto fidalgo moscovita teve medo, disfarçou a emoção com um tom autoritário:

— Vamos, não percas tempo. Remes a Kronstadt, pois tenho pressa!

Mas o outro, em lugar de retomar os remos, passou a perna por cima do banco e avançou a ele. Ignatief compreendeu vagamente a ameaça, se levantou e levou a mão ao cabo do revólver, no cinturão. O barqueiro não lhe deu tempo de tirar a arma. Sua mão calosa segurou o pulso e, o torcendo violentamente, obrigou o oficial a se curvar todo, incapaz de reação. Disse, pausadamente:

— Conde Ignatief, sou o irmão de Nádia!

Então, o ajudante de Estrakenz, acovardado, ofereceu milhares e milhares de rublos pra que o perdoasse. A voz inexorável de Sacha replicou, enquanto na mão brilhava um punhal:

— Cão, morrerás como um cão!

A bruma forte, se avolumava e, tangida pelo vento norte, vinha sobre eles e os envolvia em sua frialdade espessa. E não se viam mais os dois homens de pé sobre o escaler, como se não avistavam mais os vultos dos couraçados e o perfil da fortaleza. Porém se ouviu o surdo baque dum corpo na água gelada.

VIII

Na manhã seguinte, cedo, se realizava a revista mensal da cavalaria da guarnição de Petersburgo. O campo de Tsarkoe-Selo estendia sua vastidão nevada sob a luz fria do sol invernal. General Estrakenz, ladeado por coronel Kibitchef, seu chefe de estado-maior e pelo ajudante Vassíli Petrovitch, seguido por um pelotão de cossaco, sofreou o alto cavalo escuro numa das extremidades do campo de manobra e, se alçando nos estribos, olhou a comprida linha de cavaleiros estendida no plano imenso e dominada, de espaço a espaço, nas silhuetas palpitantes das bandeiras. Viera de Petersburgo até ali num galope contínuo, que fatigara os companheiros.

Dos peitos das montarias de todos brotavam espumas, as ancas dos cavalos fumavam e o resfolegar os aureolava de branca névoa. Demétrio Danilovitch estava furioso. Na noite não pudera falar pessoalmente ao czar, que tivera longa, exaustiva conferência com o embaixador da Alemanha. Entregara os relatórios policiais acerca de Vassíli Petrovitch ao grão-duque Nicolau, insistindo na prisão do ajudante, desde que o grão-duque Aleixo não se opusesse. Se espantara do silêncio do comandante da fortaleza de Kronstadt, que não lhe podia recusar um favor por motivos muito sérios e era o maior favorito do grão-duque. Voltara, assim, à sede do governo militar com nada decidido e

[30] *Palamenta* - náutica Conjunto de remo, mastro, verga, etc., de qualquer embarcação. Nota do digitalizador. Extraído de http://www.infopedia.pt/

somente com vagas promessas do grão-duque Nicolau. O conde Ignatief não aparecia, o que era de estranhar. Mandara telefonar à fortaleza. Ele lá não estivera. Mas o comandante Kamachef prometia ir cedo à residência do grão-duque Aleixo e obter tudo.

Apesar de inquieto pelo desaparecimento do ajudante, Estrakenz bebeu muito e pôde dormir algumas horas. Ao acordar, o conde ainda não fora visto. Quando montaria a cavalo, no pátio amplo do quartel Preobadjenski, dele se aproximou o sutil e adunco Sakarof, dizendo quase ao ouvido:

— Meus homens encontraram, no lamaçal do porto, o cadáver do conde Ignatief, crivado de punhalada. Mandei logo prender o pai e o irmão de Nádia. O primeiro está na prisão e Sacha Valovski ainda não foi encontrado. Mas será. O que farei do velho?

— À Sibéria.

E, montando, partiu. Porém tudo aquilo lhe anuviava o espírito. Além disso, esvaziara mais duma garrafa de vodca. Daí o aspeto severo e ameaçador com que observou a extensa linha de cavaleiro que o esperava. Galopou a ela, as placas das grandes ordens honoríficas alumiando no peito da farda verde, suíças ao vento. E clarins e timbales encheram o ar com o seu rumor festivo.

Passou na frente das melhores tropas a cavalo do império: Cossacos da guarda, de longas túnicas cor-de-salmão e barretinas cônicas de pêlo de Astracã; cossacos do Dom, de fardetas azuis escuras paramentadas de branco e rubro, com talpaques de couro de cão; cossacos do Terek, armados de longas lanças do feitio de folha; cossacos do Volga, de capotes azuis claros: Do Cubã de verde, de Nertchine de cinzento. Brilhavam ao sol os áureos capacetes dos couraceiros da guarda. Se agitavam ao vento os penachos dos cavaleiros-guardas, as negras boinas dos granadeiros a cavalo, as peliças agaloadas dos hussares de Grodno, as *aigrettes*[31] dos dragões da imperatriz e as crinas dos chapscas dos lanceiros do czar. Havia ainda bárbaros e valentes centauros do Cáucaso: Rubros jorgianos da escolta de sua majestade, circassianos do séquito imperial, lesguios da guarda, de sabres nus e cartucheiras no peito. E, diante de todos, farfalhando, os estandartes de cada corpo, farrapos, de provinciais que eram, às vezes, farrapos de nações: Uns com a tripla cruz bizantina dos eslavos, outros com o urso siberiano, outros com a águia bicéfala coroada e empavesada, com a cruz azul de Santo André, com o ícone de São Jorge, com os monogramas coroados de Pedro o Grande, de Catarina, dos alexandre e dos nicolau, e ainda outros com a cimitarra de prata dos tártaros ou a águia branca da Polônia.

Demétrio Estrakenz passou a trote na frente das sotnias alinhadas, sob o olhar respeitoso dos soldados, a catadura feroz. Diante de cada bandeira, sua mão enluvada tocava a pala do boné branco. Os essaúles, rotmistres e atarnãs, hirtos nas selas circassianas, encostavam aos lábios os dourados punhos dos sabres recurvos. E o general lhes gritava de longe a costumeira saudação imperial, que Kuropatkine pusera em moda nos campos de batalha da Manchúria:

— Zdorovo?, meus filhos.

Oficiais e soldados respondiam em coro:

— Zdorovo!, pai.

Ao longe, se adensava curiosa multidão, circulando o plaino vasto.

Chegando ao extremo da fila, Estrakenz tomou posição junto a uma vara fincada no solo, em que tremulava uma flâmula vermelha. Vassíli Petrovitch levou, a galope,

---

[31] *Aigrette* (do francês pra *garça-branca*), crista tufada, ou plumagem pra cabeça. Nota do digitalizador.

algumas ordens aos comandantes de brigada. De novo as fanfarras de esquadrões, ao clarão dos sabres nus, sob o esvoaçar dos penachos e a agitação das bandeirolas das lanças, desfilaram a trote diante dele. Outra vez sua mão enluvada tocou de quando a quando a pala do boné branco, ao passar dos estandartes desfraldados. E, estufando o peito, Demétrio Danilovitch sentiu invadir a alma um grande orgulho: Comandava toda aquela força, tinha todo aquele poder, e tudo isso repousava no prestígio secular da autocracia sagrada, de tal maneira enraizada no cerne da Rússia que nenhum tufão a arrancaria.

Três passos na retaguarda, o tenente Petrovitch, brincando com suas douradas agulhetas, sorria misteriosamente, o sonhador olhar azul perdido no espaço. Se o tivesse visto e pudesse lhe compreender a expressão em sua brutalidade de fera cossaca, Demétrio Estrakenz estremeceria até a medula dos ossos. Aquele olhar vago era, simbolicamente, o olhar da própria Rússia mártir, capaz dos maiores desvarios, ansiando liberdade, embora sem saber ainda o que fazer dela. Mas o general não percebia a profundeza dessas coisas e foi, inflamado de soberbia, que deu o sinal de partida.

Quanto mais se aproximava da capital, mais gente via, num e noutro lado do caminho, curiosamente reunida. A cavalaria se fragmentara em várias direções e, quando ele e seu estado-maior penetraram na primeira rua, já se não ouvia mais o tropear dos regimentos. Ao dobrar uma esquina Sacha saltou do passeio, onde se alinhava com os basbaques, no meio da rua, apontando um revólver a Demétrio Estrakenz. O cavalo do general ficou de pé sobre as patas traseiras, espantado, e o bateleiro começou a disparar a arma. Os oficiais puxaram as pistolas e a escolta correu sobre ele, de lança em riste. O poviléu debandou, covardemente. Três ou quatro, agentes de polícia da Ocrana despejaram os revólveres na direção do rapaz. Coronel Kibitchef e Vassíli atiraram também. Demétrio Danilovitch caiu do cavalo na neve da sarjeta, morto com seu orgulho feroz. A escolta lanceou e esmagou, a pata de cavalo, o corpo de Sacha. E uma bala perdida apanhou, a certa distância, ao sair duma padaria, uma criancinha de quatro meses nos braços da mãe, pobre mulher do povo. Outra quebrou a perna dum velhote alfaiate que levava roupa a sua modesta freguesia.

IX

Sua majestade o czar de todas as rússias mandou acompanhar pelo marechal do paço, ao cemitério, o corpo de seu mui fiel servidor general Demétrio Estrakenz Danilovitch, governador militar de Petersburgo. O exame do cadáver demonstrou que fora ferido nas costas e com bala das pistolas regulamentares dos oficiais do exército moscovita. O irmão de Nádia atirara no governador, de frente, com um revólver norte-americano.

Quinze dias mais tarde, no pátio da fortaleza de Petropaulovski um sargento de gradava e um pelotão de granadeiros do regimento Paulovski passava, em seguida, pelas armas o tenente dos hussares de Grodno, Vassíli Skuptchine Petrovitch, filho do general Pedro Skuptchine, herói da campanha de Bucara, que duas vezes salvara, em combate, a vida do grão-duque Aleixo.

X

Ana Petrovna ainda viveu seis anos, sempre de negro, calma, triste e boa, em sua terra feudal, de Vorasgnetz. Quatro anos após a morte de Vassíli, soube do fuzilamento de seu filho segundo, Iúri, em Tobolsk, capital da Sibéria, onde, como comandante dum posto militar, favoreceu a fuga, através da fronteira da China, de todos os condenados políticos sob sua guarda. E meses antes de morrer lhe chegou a

notícia de que, na feira de Novgorode, durante um tumulto, combatendo ao lado dos mujiques contra a polícia, fora cortado a espada pelos cossacos o último rebento da família, Pedro, criança de dezesseis anos de idade, simples estudante.

XI

Dias depois do falecimento de Nádia Valovski, no mosteiro pobre da Virgem de Quieve, onde se recolhera, houve grande escândalo entre as monjas. A superiora encontrara na cela da morta, escondido entre o enxergão e a madeira de seu duro leito, um retrato de homem. Ocultou o mais depressa possível aos olhos curiosos das freiras a figura daquele garboso oficial de cavalaria, cuja letra esguia e interrompida enchia nas costas do cartão duas simples linhas: A minha querida mãe Ana Petrovna, o filho Vassíli.